

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LAURA RIZZON TOSCAN

**OS REFLEXOS DA CRISE HEGEMÔNICA DO SISTEMA INTERNACIONAL NO
NORDESTE ASIÁTICO: Uma análise das Estratégias Nacionais de Segurança da
Coreia do Sul, Japão e Estados Unidos**

PORTO ALEGRE
2024

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LAURA RIZZON TOSCAN

**OS REFLEXOS DA CRISE HEGEMÔNICA DO SISTEMA INTERNACIONAL NO
NORDESTE ASIÁTICO: Uma análise das Estratégias Nacionais de Segurança da
Coreia do Sul, Japão e Estados Unidos**

Monografia apresentada como requisito para a
obtenção de grau de Bacharel em Relações
Internacionais da Escola de Humanidades da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Luana Margarete Geiger

Porto Alegre
2024

LAURA RIZZON TOSCAN

**OS REFLEXOS DA CRISE HEGEMÔNICA DO SISTEMA INTERNACIONAL NO
NORDESTE ASIÁTICO: Uma análise das Estratégias Nacionais de Segurança da
Coreia do Sul, Japão e Estados Unidos**

Monografia apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em Relações
Internacionais pela Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 27 de novembro de 2024

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Luana Margarete Geiger - PUCRS

Prof. Dr. Luís Rosenfield - PUCRS

Prof. Dr. Augusto Neftali Corte de Oliveira - PUCRS

*“Sou um pouco de todos que conheci,
um pouco dos lugares que fui,
um pouco das saudades que deixei
e sou muito das coisas que gostei.”*

Antoine de Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, avós maternos, tios e prima expresso minha gratidão pelo incentivo desde sempre a seguir os estudos e por proporcionarem a minha vinda a Porto Alegre para estudar o curso dos meus sonhos. Não foi uma escolha fácil, abdiquei de muitos momentos em família para conquistar meu diploma, mas sei que tudo valeu a pena quando vejo nos olhos de vocês o orgulho pela pessoa que me tornei e as conquistas que adquiri nesta caminhada.

Durante minha trajetória acadêmica pude adquirir conhecimentos que viraram a chave e muitas pessoas que sem dúvidas tornaram o processo mais leve e divertido. A academia tende a ser solitária e ter este apoio fez a diferença. Aos meus colegas que viraram irmãos de alma, Mariana, Vítor, Arno, Rúbia, Júlia, Roberta, João Lucas, Carlos, não importa por onde estejamos nos próximos anos das nossas vidas, sempre terão a mim para contar. Aos demais colegas com quem dividi a sala de aula ou os encontros do Zoom durante estes quatro anos, meu mais sincero obrigado.

Um especial agradecimento ao colega, amigo e parceiro de simulações Pedro Luzzi, que desde o primeiro semestre solicitava para fazermos os trabalhos em grupo com a temática de Ásia e me fez tomar gosto por estudar esse continente tão diverso e deslumbrante.

À Amália e Luana, minhas irmãs de outra mãe, nossa amizade é um dos maiores presentes desse ciclo e me orgulho mundo de ter dividido estes momentos, nossa união foi essencial para que atravessássemos qualquer adversidade. Estarei aqui para vocês como sei que estarão para mim pelo resto de nossas vidas.

À Breno e Anna, parceiros de pesquisa e profissionais que me fazem acreditar cada vez mais no potencial do campo das RI's, devo muito mais que um obrigada, os reconhecendo por todo o apoio nesses anos, tanto no âmbito acadêmico quanto na vida pessoal.

Para os meus companheiros de gestão da SimulaRI, tanto das gestões fundadoras do projeto quanto à terceira que tive o maior prazer de ser a Secretária Geral, vocês são incríveis e foi extremamente gratificante viver este processo com vocês. Obrigada ao professor João Jung por me conceder esta oportunidade e todo o aprendizado.

Aos meus professores, que bela jornada trilhamos. A primeira turma do curso de Relações Internacionais da PUCRS não poderia ser mais especial, sentimos o carinho de vocês e todo o interesse durante o processo, construir o curso com vocês foi muito bom. À nossa Coordenadora Teresa Marques que teve a coragem de desbravar o campo conosco e jamais soltou nossa mão, devemos muito mais que nossa gratidão. Aos professores Augusto e Hélder,

que tive o prazer de ser orientanda nas pesquisas de iniciação científica, Fernanda, Luana, João, Aline, André, Emil, Luís, Marçal, a formatura da nossa turma é mérito do nosso trabalho juntos.

À minha orientadora Luana Margarete Geiger cabe um agradecimento em especial, por me receber tão bem quando precisei, pelo belo trabalho que construímos em conjunto pelos ensinamentos. É meu privilégio iniciar minha profissionalização em Ásia com uma pesquisadora tão competente.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pelo suporte institucional, infraestrutura e eventos que complementaram a minha formação, como o Salão de Iniciação Científica, Maratona de Inovação, SimulaRI, Empresa Jr., etc.

Aos meus amigos de infância da minha cidade natal, São Marcos, Iasmin, João Pedro, Emerson, que mesmo a 160 km longe se fizeram presentes e foram um grande apoio nos momentos difíceis. À Gabriela, vizinha de bairro e amiga de outras vidas, obrigada por viver a graduação em outra cidade comigo, foste o meu porto seguro em diversos momentos dessa caminhada.

À minha estrela mais brilhante, meu avô Darci Rizzon, do qual herdei o dom das relações sociais, da determinação para atingir qualquer meta/objetivo, que durante os 20 anos que dividimos neste espaço terreno foi minha fonte de apoio e amor incondicional, um mentor, e mesmo não podendo comemorar fisicamente o final deste ciclo tão importante para mim e nossa família, com certeza a gratidão é transmitida entre dimensões.

Por fim, um reconhecimento genuíno a mim, por jamais desistir dos meus sonhos, por ser uma pessoa concisa, determinada, diplomática e acima de tudo humana. Que eu possa seguir no caminho da paz e da afetividade, construindo um amanhã mais próspero com o título de Internacionalista.

RESUMO

A presente pesquisa está inserida no campo de Segurança e Estudos Estratégicos Internacionais. O estudo investiga os reflexos da crise hegemônica do sistema internacional na região do Nordeste Asiático, realizando uma análise histórica, no entanto, utilizando base empírica que parte de 2022. Como forma de compreensão da conjuntura do sistema internacional, foi empregada a Teoria Neorrealista das Relações Internacionais, com autores como John Mearsheimer e Kenneth Waltz, além de autores com perspectivas asiáticas como David Kang e demais aportes teóricos com perspectivas sistêmicas e estruturalistas. No âmbito regional, utilizou-se a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança. O objetivo foi entender a resposta securitária dos Estados Unidos e seus aliados da região, Coreia do Sul e Japão, para a ascensão da China no século XXI. Utilizando da abordagem multinível, foram examinadas as Estratégias Nacionais de Segurança dos Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul, e o acordo de cooperação trilateral firmado na cúpula de Camp David 2023, destacando os esforços dos Estados em se aliarem para fins de segurança nacional. Como resultados, verifica-se a inexistência de uma política de contenção por parte dos países da região em relação à China, entretanto, a penetração hegemônica dos Estados Unidos implica em uma complexificação das dinâmicas regionais ao influenciar suas diretrizes externas.

Palavras-chave: Crise hegemônica, Nordeste Asiático, disputa de poder, segurança regional, Estados Unidos, China.

ABSTRACT

The present research is situated within the field of Security and International Strategic Studies. The study investigates the impacts of the hegemonic crisis of the international system on the Northeast Asian region, conducting a historical analysis but based on empirical data starting from 2022. To understand the dynamics of the international system, the Neorealist Theory of International Relations was employed, drawing on scholars such as John Mearsheimer and Kenneth Waltz, as well as Asian perspectives from authors like David Kang and other theoretical contributions with systemic and structuralist approaches. At the regional level, the Regional Security Complexes Theory was utilized. The objective was to understand the security response of the United States and its regional allies, Republic of Korea and Japan, to China's rise in the 21st century. Through a multilevel approach, the study examined the National Security Strategies of the United States, Japan, and Republic of Korea, as well as the trilateral cooperation agreement established at the Camp David Summit in 2023, highlighting the efforts of these states to align for national security purposes. The results reveal the absence of a containment policy by regional countries towards China. However, the hegemonic penetration of the United States leads to a complexification of regional dynamics by influencing their external directives.

Key-Words: Hegemonic crisis, Northeast Asia, power struggle, regional security, United States, China.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABRI - Associação Brasileira de Relações Internacionais

BRI - *Belt and Road Initiative*

CRS - Complexos Regionais de Segurança

DPRK – Democratic People’s Republic of Korea

ENS - Estratégias Nacionais de Segurança

EUA - Estados Unidos da América

FMI - Fundo Monetário Internacional

GM - Guerra Mundial

OMC - Organização Mundial do Comércio

ONU - Organização das Nações Unidas

RI - Relações Internacionais

ROK – Republic of Korea

RPC - República Popular da China

SI - Sistema Internacional

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa I - Complexos Regionais de Segurança do continente asiático.....	32
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
I CONJUNTURA DA CRISE HEGEMÔNICA DO SISTEMA INTERNACIONAL.....	10
I.I CONSIDERAÇÕES DA TEORIA NEORREALISTA SOBRE PODER NO SISTEMA INTERNACIONAL.....	14
I.II HISTÓRICO DE CONFIGURAÇÕES DO SISTEMA INTERNACIONAL.....	20
I.III O SISTEMA INTERNACIONAL NOS ANOS 2020.....	23
II A REGIÃO DO NORDESTE ASIÁTICO	28
II.I O COMPLEXO REGIONAL DE SEGURANÇA DO NORDESTE ASIÁTICO	29
II.I.I Complexo Regional de Segurança do Nordeste Asiático	30
II.II HISTÓRICO DAS INTERAÇÕES ENTRE OS PAÍSES DO NORDESTE ASIÁTICO	33
II.III CONCEITOS GEOPOLÍTICOS E SECURITÁRIOS APLICADOS AO NORDESTE ASIÁTICO A PARTIR DE 2020	37
III A RESPOSTA DOS ESTADOS UNIDOS, JAPÃO E COREIA DO SUL À ASCENSÃO CHINESA PÓS-2022	41
III.I ESTRATÉGIAS NACIONAIS DE SEGURANÇA.....	41
III.I.I Estratégia de Segurança dos Estados Unidos da América.....	42
III.I.II Estratégia de Segurança da Coreia do Sul	45
III.I.III Estratégia de Segurança do Japão	47
III.II CÚPULA DE CAMP DAVID DE 2023.....	50
III.III DISCUSSÃO ENTRE TEORIAS E ESTRATÉGIAS DOCUMENTADAS.....	51
IV CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema os reflexos da crise hegemônica do sistema internacional na região do Nordeste Asiático. Essa temática está localizada na grande área de Segurança Internacional, Defesa e Estudos Estratégicos, que cresce exponencialmente a cada ano tanto nos debates quanto em publicações. De acordo com a Associação Brasileira de Relações Internacionais, a Associação Brasileira de Relações Internacionais (2024),

Ainda carente de uma história escrita, podemos contatar que esta área de pesquisa dentro das Relações Internacionais, algo esquecida durante os anos de otimismo que se seguiram ao Fim da Guerra Fria, foi lentamente recuperando sua importância até receber um forte incentivo com o fenômeno que descortinava com a espetacular tragédia do 11/09. Sua expressividade foi sendo modificada com novos pontos que foram se agregando a sua agenda. A MINUSTHA chamou a atenção de novos pesquisadores que gastaram rios de tinta relatando e explicando as numerosas Missões de Paz pelo mundo e continua sendo uma área de importantes reflexões. O último impulso veio de uma dimensão não suspeitada: a transnacionalização do crime organizado e suas expressões sintomáticas, como narcotráfico, o tráfico de armas, de pessoas, de órgãos, etc. (Associação Brasileira de Relações Internacionais, 2024).

Além de representar parte central das análises sobre o futuro do sistema internacional, a região é pauta recorrente de noticiários ao redor do mundo, especialmente nas últimas décadas. Também abriga algumas das maiores economias do mundo, como a China (atrás apenas dos Estados Unidos da América e com PIB de US\$ 17,70 trilhões) e o Japão (em quarto lugar nos rankings mundiais com US\$ 4,23 trilhões em PIB), e grande parte do comércio global é centrado na região (FMI, 2024).

Para os propósitos desta pesquisa, serão considerados como atores relevantes para o Nordeste Asiático os seguintes países: China, Japão, Coreia do Sul e Coreia do Norte. Em função da alta penetração hegemônica dos Estados Unidos na região, este país também foi considerado como um ator do Nordeste Asiático. A pesquisa será centrada, no entanto, nas estratégias nacionais de segurança de apenas três destes atores: os Estados Unidos e seus dois aliados na região, Coreia do Sul e Japão. Entender como a crise sistêmica pode afetar cada um dos atores é crucial para formular políticas assertivas que promovam a paz e a cooperação na região.

O recorte temporal escolhido é a partir de 2022, pois marcou o período das publicações das últimas atualizações das Estratégias Nacionais de Segurança dos países envolvidos no presente estudo. Este representa um esforço em entender a forma com que os setores internos dos governos estão se mobilizando em relação à arquitetura em desenvolvimento do sistema internacional, com crescente tendência multipolar.

A relevância do tema na esfera acadêmica surge porque muitos cientistas políticos tratam sobre como as relações políticas foram se alterando durante a crise hegemônica, principalmente na Europa e América do Norte. Os estudos sobre o Nordeste Asiático, no entanto, exigem a superação de modelos de análise eurocêntricos e, justamente por isso, representam um rico campo de debate para as Relações Internacionais.

A pergunta que serviu de guia para a elaboração da pesquisa e exame de informações é a seguinte: “De que maneira a crise hegemônica do sistema internacional, caracterizada pela ascensão da China e o relativo declínio dos Estados Unidos, está afetando as dinâmicas de segurança no Nordeste Asiático?”. A partir desse questionamento, definiu-se a teoria Neorrealista como base para as investigações, pois, no fundo, verifica-se que a Ásia pressupõe utilizar um mix de teorias, e não apenas uma. As discussões que a teoria Neorrealista apresenta são tradicionalmente centradas nas potências europeias e nos Estados Unidos e os contextos que estes países vivem, contudo, promovem importantes reflexões a respeito das ações dos Estados Unidos e seus aliados na região asiática em âmbito securitário.

O objetivo geral da pesquisa foi interpretar como as mudanças no sistema internacional, através da crise hegemônica, se refletiram na região do Nordeste Asiático nos anos 2020, com a lógica de disputa de poder entre Estados Unidos e China. Como objetivos específicos, buscou-se verificar a resposta securitária dos Estados Unidos e seus aliados na região - Coreia do Sul e Japão - para a ascensão chinesa, explicar o Complexo Regional de Segurança do Nordeste Asiático, analisar as Estratégias Nacionais de Segurança da Coreia do Sul, Japão e Estados Unidos atualizadas a partir de 2022, para assim confirmar os reais impactos da crise hegemônica do sistema internacional no Nordeste Asiático.

A hipótese do trabalho seria de que, apesar da política de segurança norte-americana crescentemente rivalizar a China, os seus aliados regionais não estruturam políticas de contenção em relação a este país.

A escolha de trabalhar com dois níveis de análise (sistêmico e regional), faz sentido para a presente pesquisa, uma vez que tratará de uma região caracterizada por seu nexos regional-global (Brites, 2018), porque engloba as potências mais influentes do sistema internacional. Segundo Buzan, Wæver e Wilde (1998, p. 5), os níveis de análise podem ser compreendidos como “[...] objetos para análise que são definidos por uma gama de escalas espaciais [...]. Os níveis são pontos onde os resultados e as fontes de explicação podem ser localizados”¹.

¹ “[...] objects for analysis that are defined by a range of spatial scales [...] Levels are locations where both outcomes and sources of explanation can be located” (Buzan; Wæver; Wilde, 1998, p. 5).

A coleta das informações se deu através do método qualitativo, com o uso de fontes primárias, e a análise dos dados baseou-se na Análise Documental. Os documentos que foram analisados são as últimas versões atualizadas das Estratégias Nacionais de Segurança dos governos dos Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul, e o relatório da cúpula de Camp David de 2023. Todos foram encontrados nos sites oficiais dos governos dos países, sendo elaborados pelo poder executivo ou pelo Ministério de Relações Exteriores.

A estrutura da presente pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro, com caráter teórico, aborda a Teoria Neorrealista e como os teóricos discorreram sobre o sistema internacional e a distribuição de poder. John Mearsheimer (2001) contribuiu para a compreensão da disposição de poder internacional, sobre multipolaridade desequilibrada e o Realismo Ofensivo, assim como Kenneth Waltz (1979) participou da discussão, com a definição do Realismo Defensivo e as mudanças na estrutura das relações internacionais com as grandes potências. Robert Gilpin (1991), Fred Halliday (1999), teóricos estruturalistas não-realistas defendem que a bipolaridade é a melhor forma de distribuição de poder no cenário internacional. De primeira mão, entende-se que a estrutura do sistema internacional está transicionando para uma configuração de dois grandes blocos, sendo o primeiro composto pelos Estados Unidos (líder), Japão, Coreia do Sul e países que constituem a Europa; o segundo expresso pela China (líder), Rússia, Irã e países satélites. Mearsheimer (2019) e Kang (2022) são contrastantes em relação à ordem mundial que está sendo estabelecida e se há realmente um projeto de contenção por parte dos aliados dos EUA à ascensão chinesa.

O segundo capítulo apresenta o contexto da região do Nordeste Asiático, explicando as complexidades, o histórico das relações, as questões securitárias e os conceitos geopolíticos aplicáveis à região. A compreensão do funcionamento do Nordeste Asiático é importante para conhecer a evolução das relações da região e como o campo as classifica. Assim, analisar os escritos de Barry Buzan e Ole Waever sobre a Teoria dos Complexos de Segurança Regionais, os CRS, auxilia na compreensão profunda das variáveis que interferem em uma determinada região do globo e as relações dos Estados intra-região e entre duas ou mais regiões. Os autores demonstram o porquê de separar o mundo em regiões e como isso acaba colocando à tona importantes questões que olhando para um ator isolado não seria possível. Por fim, o terceiro capítulo, de caráter analítico que contém o aporte empírico da pesquisa, explicita as Estratégias Nacionais de Segurança, assim como os princípios publicados da Cúpula de Camp David de 2023, unindo a teoria com a realidade.

A presente pesquisa também se preocupa em aproximar temas de Defesa e Segurança Internacional, que tradicionalmente são centrados em organismos militares e governamentais à

esfera civil, que tem muito a agregar à agenda securitária. Além do mais, é de amplo conhecimento que há uma lacuna na clareza da real importância das relações do Brasil com os países da Ásia para a população brasileira, sendo que os Estados asiáticos são grandes parceiros econômicos do Brasil, principalmente a China.

I CONJUNTURA DA CRISE HEGEMÔNICA DO SISTEMA INTERNACIONAL

O presente capítulo busca apresentar uma análise da evolução do sistema internacional, desde suas configurações históricas até o período contemporâneo, explorando os conceitos de poder, hegemonia e distribuição de poder, sob a ótica da Teoria Neorrealista das Relações Internacionais, por tratar de temas e conceitos clássicos do campo, podendo contribuir com o caráter de segurança e defesa da pesquisa. Além do mais, foram utilizados escritos de teóricos estruturalistas e sistêmicos, como David Kang e Giovanni Arrighi.

É possível também que o realismo seja a teoria que mais influencia os tomadores de decisão e políticos profissionais que trabalham nas relações internacionais. Embora políticos profissionais não necessariamente estudem o realismo como teoria, não deixa de ser sintomático que muitos diplomatas e políticos importantes dos séculos XIX e XX tenham sido associados ao pensamento realista, tais como Henry Kissinger, George E. Kennan, conde de Cavour, Charles de Gaulle e até mesmo Mao Tsé-tung, precursor da China comunista (Guimarães, 2021, p. 26).

Primeiramente, o sistema internacional pode ser definido como um conjunto de Estados, em uma estrutura de poder e influência, que é ministrada em um ambiente anárquico, ou seja, com ausência de um único governo global que controle os demais atores. O equilíbrio de poder, a interdependência e soberania, juntamente com suas normas são definições essenciais para seu entendimento (Waltz, 1979). Compreender o sistema internacional é imprescindível para analisar como e por quais motivações os Estados e outros atores se comportam da maneira que fazem. O SI fornece um quadro para entender questões de guerra e paz, cooperação, economia global, desenvolvimento, direitos humanos, meio ambiente e outros tópicos críticos de política global.

Sua configuração foi se alterando ao longo do tempo, principalmente após a intensificação do fenômeno da globalização. Uma das fases mais discutidas no mundo das Relações Internacionais é o período da bipolaridade da Guerra Fria (1947-1991), no qual houve o embate entre Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), de forma que os demais países do globo precisassem tomar um lado e essa ação implicou em consequências.

A unipolaridade dos Estados Unidos e o início do século XXI, desencadearam a crise hegemônica no SI. Esta é advinda da queda relativa de influência dos EUA e o surgimento de protagonismo de outros Estados na ordem mundial, tanto no âmbito econômico quanto no comercial e bélico. Esta crise fez com que entender a atual conjuntura do sistema internacional ganhasse destaque na academia, pois esta acaba alterando diversas questões em todos os continentes do mundo.

I.I CONSIDERAÇÕES DA TEORIA NEORREALISTA SOBRE PODER NO SISTEMA INTERNACIONAL

A corrente Neorrealista das Relações Internacionais é descendente da Teoria Realista, que com seus autores clássicos, Carr e Morgenthau, e pensadores mentores como Tucídides, Maquiavel e Hobbes, discursa sobre a centralidade da política, localizada na aquisição e manutenção do poder. Os realistas argumentam que as relações entre Estados se dariam a partir de uma arena de rivalidades, conflitos e guerras, porque todos os governantes desejavam ser influentes e hegemônicos, garantindo sua sobrevivência e soberania. Assim, a política mundial partiria e funcionaria através de uma anarquia internacional, sistema sem uma autoridade superior, fazendo com que o Estado se tornasse o grande agente fundamental de todas as relações.

O embasamento teórico apresentado anteriormente é o ponto de começo para o surgimento do Realismo Estrutural, mais conhecido como Neorrealismo. O prefixo “neo” resgata a ideia de algo novo, entretanto não algo criado do zero, mas aprimorado para a evolução e complexificação das relações internacionais.

O realismo estrutural [...] desvia o foco das leis da natureza humana e argumenta que o comportamento dos estados em busca de poder é uma função da anarquia internacional. Para os realistas estruturais, que encontram seu precursor em Thomas Hobbes, a condição de anarquia – ou seja, o fato de não haver uma 'autoridade superior' para garantir a paz entre os estados soberanos – é frequentemente vista como sinônimo de um estado de guerra (Schmidt, 2005, p. 527, tradução nossa).²

Com o foco da presente pesquisa na análise do sistema internacional, são explicitados os escritos de John Mearsheimer. O teórico, em sua produção “The Tragedy of Great Power Politics” de 2001, contribui com a conceitualização do termo “hegemonia”.

Uma hegemonia é um Estado que é tão poderoso que domina todos os outros Estados no sistema. Nenhum outro Estado possui os recursos militares para oferecer uma resistência significativa contra ele. Na essência, uma hegemonia seria a única grande potência no sistema (Mearsheimer, 2001, p. 40, tradução nossa).³

Como é possível perceber, existe uma distinção entre hegemonias que dominam o mundo como um todo e líderes hegemônicos regionais, justamente pela sua capacidade de projeção e limitações sobre recursos. Essa diferenciação se faz importante para o contexto da

² Structural realism [...] shifts the focus away from the laws of human nature and argues that the power-seeking behavior of states is a function of international anarchy. For structural realists, who find their progenitor in Thomas Hobbes, the condition of anarchy - that is, the fact that there is no 'higher power' to ensure the peace among sovereign states - is often viewed as synonymous to a state of war (Schmidt, 2005, p. 527).

³ A hegemon is a state that is so powerful that it dominates all the other states in the system. No other state has the military wherewithal to put up a serious fight against it. In essence, a hegemon is the only great power in the system (Mearsheimer, 2001, p. 40).

atual pesquisa, pois trataremos de um *hegemon regional*, a China, que alguns pesquisadores da área acreditam ter potencialidades de se tornar mundial, como os Estados Unidos.

Hegemonia significa dominação do sistema, que normalmente é interpretado como a dominação do mundo todo. É possível, entretanto, aplicar o conceito de sistema de forma mais restrita e usá-lo para descrever regiões específicas, como a Europa, Nordeste Asiático, e o Hemisfério Ocidental. Assim, pode-se distinguir entre hegemonias globais, que dominam o mundo, e hegemonias regionais, as quais dominam áreas geográficas distintas (Mearsheimer, 2001, p.40, tradução nossa)⁴.

Levando isso em consideração, Mearsheimer (2001) contribui para a compreensão da disposição de poder internacional, sobre a multipolaridade desequilibrada e o Realismo Ofensivo. O poder no cenário global poderia ser distribuído de três formas distintas, sendo estas a bipolaridade, a multipolaridade balanceada e a multipolaridade não balanceada. Essa distribuição afeta as probabilidades de conflitos e ameaças, pois havendo uma liderança ou múltiplas o funcionamento das relações internacionais será diferente (Mearsheimer, 2001).

A multipolaridade desequilibrada, hipótese que foi aprofundada no restante da pesquisa como sendo a atual conjuntura do sistema internacional, é considerada a forma mais perigosa e propensa a conflitos. O sistema multipolar desequilibrado seria composto por três ou mais grandes potências, sendo uma delas a potência hegemônica em potencial. Como a hegemonia em potencial possui grandes chances de vencer conflitos contra seus rivais mais fracos, a tendência à sua disposição de usar a força para atingir seus objetivos é estritamente maior. Do mesmo modo que essas hegemonias em potencial geram medo nas demais grandes potências, estimulando a que elas busquem aumentar sua própria segurança. Amostra disto é o aumento de gastos militares, as alianças entre Estados, até mesmo as ações agressivas, tensionando as relações internacionais com iminência de conflito. Historicamente, momentos onde houve multipolaridade desequilibrada na Europa desencadearam conflitos, como a Era Napoleônica e as duas Guerras Mundiais (Mearsheimer, 2001).

As mesmas seis grandes potências continuaram no centro da política europeia, exceto pelo fato de que os Estados Unidos se tornou um jogador importante em 1918, quando as tropas americanas começaram a chegar ao continente em grande número. A Alemanha Wilhelmina [...] era um potencial *hegemon* durante esse período; controlava o exército mais poderoso e a maior quantidade de riqueza na região. Assim, houve uma multipolaridade desequilibrada na Europa de 1903 a 1918 (Mearsheimer, 2001, p. 353, tradução nossa).⁵

⁴ Hegemony means domination of the system, which is usually interpreted to mean the entire world. It is possible, however, to apply the concept of a system more narrowly and use it to describe particular regions, such as Europe, Northeast Asia, and the Western Hemisphere. Thus, one can distinguish between global hegemonies, which dominate the world, and regional hegemonies, which dominate distinct geographical areas (Mearsheimer, 2001, p.40).

⁵ The same six great powers remained at the center of European politics, save for the fact that the United States became a major player in 1918, when American troops began arriving on the continent in large numbers. Wilhelmine Germany [...] was a potential hegemon during this period; it controlled the mightiest army and the

Dessarte, a disposição de poder mais benéfica na visão de Mearsheimer (2001) seria a bipolaridade. Os argumentos utilizados por ele em defesa da distribuição bipolar seriam a de menor probabilidade de erros de cálculo, já que existiria a clareza dos papéis e a ausência de outras grandes ou possíveis potências para alterar o equilíbrio de poder, simplificando os cálculos estratégicos e levando a redução de erros, que geraram a guerra. Há um entendimento mútuo entre as potências de que um embate direto seria devastador para ambas, e que, portanto, são mais propensas a manter a diplomacia e moderação no SI.

Outro argumento seria o da corrida armamentista intensa mas estabilizadora, no sentido de que cada potência se esforça para igualar ou superar as capacidades militares da outra. Isso leva a um equilíbrio de poder mais robusto, sendo menos provável que qualquer potência perceba ter uma vantagem decisiva. As guerras de procuração seriam menos frequentes em um sistema bipolar que um multipolar, justamente pela competição das potências por zonas de influência. Estas que podem ser tentadas a apoiar lados opostos em conflitos regionais para minar umas às outras. A lógica deste formato bipolar seria que as duas potências entrariam em equilíbrio, levando a uma menor chance de erro de cálculo e a guerras, resultando em maior estabilidade (Mearsheimer, 2001).

Fred Halliday (1999), autor de teorias sistêmicas não-neorrealistas que contribui à compreensão do período da Guerra Fria, juntamente com Mearsheimer (2001), explana que a melhor disposição de poder no nível internacional se daria pela configuração da bipolaridade, época em que o antagonismo traçou as diretrizes do âmbito global a partir da metade do século XX. Em seu livro “Repensando as Relações Internacionais”, Halliday (1999) explana que no contexto da Guerra Fria existia uma competição generalizada, tanto no que tange às normas e valores de ambos os blocos quanto a manifestação da defesa dessas através das armas.

A Guerra Fria foi, acima de tudo, um produto da heterogeneidade no sistema internacional - para repetir, da heterogeneidade da organização interna e da prática internacional - e somente poderia ser encerrada pela obtenção de uma nova homogeneidade. O resultado disto foi que, *enquanto os dois sistemas distintos existiram*, o conflito da Guerra Fria estava destinado a continuar: a Guerra Fria não poderia terminar com o compromisso ou a convergência, mas somente com a prevalência de um destes sistemas sobre o outro. Somente quando o capitalismo prevalecesse sobre o comunismo, ou vice-versa, o conflito intersistêmico se encerraria (Halliday, 1999, p. 192).

Halliday (1999) argumenta que a Guerra Fria seria um produto da heterogeneidade e isso gera discussões entre os acadêmicos. Normalmente, pensa-se que a homogeneidade levaria a estabilidade, porém isso se verificou oposto no período de 1947 a 1991. Estas divergências

greatest amount of wealth in the region. Thus, there was unbalanced multipolarity in Europe from 1903 to 1918 (Mearsheimer, 2001, p. 353).

não seriam obstáculos para a colaboração entre Estados de diferentes posicionamentos ideológicos e formas de governo, “[...] assim, uma Índia capitalista colaborou com uma URSS socialista, enquanto uma China socialista se alinhou com os EUA” (Halliday, 1999, p. 197). A questão aqui sobre equilíbrio de poder em relação à composição das influências da União Soviética e dos Estados Unidos foi por serem discrepantes, da mesma forma que era o grau do controle político exercido por cada liderança sob seus aliados do bloco. “A competição dos blocos pode, portanto, envolver não somente um conflito de objetivos, mas um conflito de razões e de mecanismos pelos quais as relações internacionais são conduzidas” (Halliday, 1999, p. 201).

Em relação ao Realismo Ofensivo, Mearsheimer (2001) defende que a melhor garantia de sobrevivência seria se tornar uma hegemonia, pois nenhum Estado poderia ameaçar um poder tão estabelecido. Sendo assim, a busca pela hegemonia por parte dos *hegemons* constitui o caráter da grande tragédia que é a política internacional, o que engloba estratégias dos outros países enquanto aliados aos *hegemons*. A estrutura do sistema internacional impulsiona os Estados a buscarem a hegemonia como forma de maximizar sua segurança, sendo esta busca não um resultado de vontade inata de poder, mas sim como uma consequência lógica da estrutura anárquica do sistema internacional (Mearsheimer, 2001).

O teórico utiliza o exemplo dos Estados Unidos e sua relação com o hemisfério ocidental para validar a tese do Realismo Ofensivo, com a declaração da Doutrina Monroe como forma de buscar a hegemonia regional e maximizar sua segurança. “Além disso, os líderes americanos entendiam que quanto mais poderoso fosse o seu país, mais seguro ele estaria no perigoso mundo da política internacional” (Mearsheimer, 2001, p. 250, tradução nossa)⁶. Essa relação forte dos EUA com o mundo possui um panorama ideológico e o dever de passar os seus valores e o seu sistema político para todas as partes do mundo.

Demais autor que participou da discussão e é considerado o “pai” do Neorealismo, Kenneth Waltz (1979), afirma que os Estados essenciais na determinação das mudanças na estrutura do sistema internacional são as grandes potências. A estrutura internacional, composta pelas unidades estatais e suas relações, contempla a anarquia internacional. Os Estados, considerados como “unidades similares”, seriam então diferenciados pela capacidade estatal desigual e as relações entre grandes potências fariam do sistema internacional conflituoso. Dessa forma, é possível afirmar que a manutenção do funcionamento do sistema só existe à medida da procura, por parte dos Estados, de sua sobrevivência (Waltz, 1979).

⁶ “Moreover, American leaders understood that the more powerful their country was, the more secure it would be in the dangerous world of international politics” (Mearsheimer, 2001, p. 250).

Contrapondo Mearsheimer (2001), Waltz (1979) conceitualiza o Realismo Defensivo. O autor alega que quando as grandes potências têm comportamentos agressivos, as potenciais vítimas, na maior parte dos casos, se equilibram contra o agressor e frustram seus esforços para ganho de poder. As grandes potências devem ser cuidadosas para não alcançar muito poder, pois a força em excesso eventualmente fará com que os outros Estados unam forças contra elas. O equilíbrio frustraria a ofensa, desencorajando a busca desenfreada de poder, sendo a melhor maneira de gerir a competição de Estados e prevenir guerras no sistema internacional (Waltz, 1979).

Na visão defensiva, os Estados buscam equilibrar seu poder, sendo maximizadores de segurança, enquanto na sua visão ofensiva, estariam orientados à dominação, de forma a um Estado buscar hegemonia, sendo assim, um maximizador de poder (Waltz, 1979). Assim, trazendo esta perspectiva para o objeto de análise - a crise hegemônica do sistema internacional - é percebido a tendência dos Estados Unidos agirem de forma ofensiva, em busca de expansão de seu poder por meio do *hard power* e da penetração hegemônica. Em contraposição, a China tende a agir de forma a manter consolidada sua influência na Ásia e países que são seus aliados, com vistas às relações diplomáticas e que gere dependência econômica.

O raciocínio analítico aplicado onde uma abordagem sistêmica é necessária leva ao estabelecimento de diversos tipos de condições como pré-requisitos para que equilíbrios de poder se formem e tendam ao equilíbrio, bem como condições gerais para a estabilidade e paz mundiais. Alguns exigem que o número de grandes potências exceda dois; outros, que uma potência maior esteja disposta a desempenhar o papel de equilibrador. Alguns requerem que a tecnologia militar não mude de forma radical ou rápida; outros, que os principais estados sigam regras especificadas arbitrariamente. No entanto, equilíbrios de poder se formam na ausência das condições 'necessárias', e desde 1945 o mundo tem sido estável, e o mundo das grandes potências notavelmente pacífico, mesmo que as condições internacionais não tenham se conformado às estipulações dos teóricos. A política de equilíbrio de poder prevalece onde quer que dois, e apenas dois, requisitos sejam atendidos: que a ordem seja anárquica e que seja composta por unidades que desejam sobreviver (Waltz, 1979, p. 121, tradução nossa).⁷

Além do explícito anteriormente, Waltz (1979) contribui que a estrutura do sistema internacional tem sua definição como uma distribuição de capacidades materiais sob a anarquia sistêmica. Para ele, as mudanças estruturais sistêmicas só seriam possíveis com a alteração do

⁷ Analytic reasoning applied where a systems approach is needed leads to the laying down of all sorts of conditions as prerequisites to balances of power forming and tending toward equilibrium and as general preconditions of world stability and peace. Some require that the number of great powers exceed two; others that a major power be willing to play the role of balancer. Some require that military technology not change radically or rapidly; others that the major states abide by arbitrarily specified rules. But balances of power form in the absence of the "necessary" conditions, and since 1945 the world has been stable, and the world of major powers remarkably peaceful even though international conditions have not conformed to theorists' stipulations. Balance-of-power politics prevail wherever two, and only two, requirements are met : that the order be anarchic and that it be populated by units wishing to survive (Waltz, 1979, p. 121).

número de grandes potências presentes, como bipolar para multipolar, ou vice-versa. As estruturas, como bipolaridade e multipolaridade podem perdurar por bastante tempo, no entanto as ideologias, comportamentos e interações entre os Estados variam amplamente, sendo importante analisar os acontecimentos comparativamente, não levando os eventos e classificações passadas como regra (Waltz, 1979).

Com a afirmação de Mearsheimer (2001) de que o planeta é grande demais para uma única hegemonia global, se entende o porquê de destacar que os blocos da atual conjuntura do SI não possuem somente um ator, e que no mundo hiper globalizado que a humanidade reside, chegar a ser hegemonia global é muito custoso, até mesmo para os Estados Unidos.

Quanto à hegemonia e aos perigos de um novo imperialismo, existe agora uma situação de grande fluidez em que nenhum bloco de Estados pareceria emergir para se equiparar aos EUA, mas onde os próprios EUA pareceriam relutantes em desempenhar o papel “romano” que o colapso da URSS lhes atribuiu (Halliday, 1999, p.234).

O autor Robert Gilpin (1981) aborda em seus escritos sobre a Teoria da Estabilidade Hegemônica, a qual argumenta que a existência de uma potência central é capaz de manter a estabilidade no sistema internacional o que, historicamente, é uma esfera intrinsecamente caracterizada pela guerra constante. O autor sintetiza que isso só se torna possível pois o Estado hegemônico, ao estar em tal posição, irá encaminhar o mundo a um contexto de liberalização e abertura econômica, provendo bens públicos como segurança, um sistema econômico aberto e um ambiente de cooperação entre os Estados, ou seja, à estabilidade (Gilpin, 1981).

O *hegemon* em questão utilizaria sua influência para criar e manter instituições internacionais, estabelecendo regras de comércio e garantindo a segurança coletiva. Ele é capaz de fornecer bens públicos globais, como segurança marítima, estabilidade financeira, e acesso a mercados. Entretanto, para que a ordem seja mantida, é essencial que os demais Estados reconheçam os benefícios dos bens a eles fornecidos e que estejam dispostos a aceitá-los sob a liderança do único *hegemon* (Gilpin, 1981).

Um sistema internacional está em estado de equilíbrio se os estados mais poderosos no sistema estão satisfeitos com os arranjos territoriais, políticos e econômicos existentes. Embora pequenas mudanças e ajustes possam ocorrer, uma condição de equilíbrio é aquela em que nenhum estado (ou grupo) poderoso acredita que uma mudança no sistema traria benefícios adicionais que justificassem os custos esperados para provocar tal mudança no sistema [...]. Embora cada estado e grupo no sistema pudesse se beneficiar de determinados tipos de mudanças, os custos envolvidos desencorajariam tentativas de buscar uma mudança no sistema (Gilpin, 1981, p. 11, tradução nossa).⁸

⁸ An international system is in a state of equilibrium if the more powerful states in the system are satisfied with the existing territorial, political, and economic arrangements. Although minor changes and adjustments may take place, an equilibrium condition is one in which no powerful state (or group) believes that a change in the system would yield additional benefits commensurate with the anticipated costs of bringing about a change in the system [...]. Although every state and group in the system could benefit from particular types of change, the costs involved will discourage attempts to seek a change in system (Gilpin, 1981, p. 11).

Quando o poder da grande potência começa a declinar, por exemplo, devido ao desgaste econômico, militar, ou ao surgimento de outras potências competidoras, como o caso do atual trabalho, o declínio dos EUA e o fortalecimento da China, a estabilidade do SI é posta em xeque. Dessa forma, a Teoria da Estabilidade Hegemônica sugere que com a ausência de um *hegemon* forte, é muito provável que acirrará a competição entre os Estados, levando a formação de alianças rivais e, posteriormente, a conflitos e guerras. A teoria também se encontra relacionada com o conceito de ciclos de poder, onde períodos de hegemonia são seguidos por períodos de transição e potencial conflito, à medida que novos desafiantes emergem e a ordem internacional se reconfigura (Gilpin, 1981).

Historicamente falando, um dos exemplos que Gilpin (1981) traz para ilustrar a Teoria de Estabilidade Hegemônica é o da Pax Britânica, que perdurou no século XIX, no período em que o Reino Unido, com o título de potência dominante, garantiu a estabilidade do SI por meio de sua marinha forte, o controle de importantes rotas comerciais e a influência econômica por todos os continentes. Como continuação dessa estabilidade, a Pax Americana, que pelo autor é iniciada após o final da Segunda Guerra Mundial, com os Estados Unidos sendo o *hegemon*, ganhou destaque com sua ascensão econômica e planos de contenção de outras potências, como a URSS.

Desde a Revolução Industrial, as duas potências hegemônicas sucessivas no sistema global (Grã-Bretanha e Estados Unidos) buscaram organizar as relações políticas, territoriais e, especialmente, econômicas de acordo com seus respectivos interesses de segurança e econômicos. Elas tiveram sucesso nesse papel hegemônico, em parte porque impuseram sua vontade sobre estados menores e em parte porque outros estados se beneficiaram e aceitaram sua liderança (Gilpin, 1981, p. 144, tradução nossa).⁹

E para entender a atual conjuntura da crise hegemônica, se faz necessário a análise da ampliação dos envolvidos nos conflitos relacionados à interação interestatal/intersocial, regional, socioeconômica e ideológica.

I.II HISTÓRICO DE CONFIGURAÇÕES DO SISTEMA INTERNACIONAL

Como visto anteriormente, para um Estado ser considerado como a mais alta liderança em âmbito global é um processo complexo e que demanda muito planejamento interno e

⁹ Since the Industrial Revolution, the two successive hegemonic powers in the global system (Great Britain and the United States) have sought to organize political, territorial, and especially economic relations in terms of their respective security and economic interests. They have succeeded in this hegemonic role partially because they have imposed their will on lesser states and partially because other states have benefited from and accepted their leadership (Gilpin, 1981, p. 144).

procedimentos desafiadores de tomadas de decisão, pois pequenas questões podem gerar consequências para si e seus aliados. Durante a história do sistema internacional, sucederam mudanças em sua configuração, com grandes impérios no comando, Estados em ascensão, etc.

Como o tempo da humanidade é demasiado longo, a análise se ateve ao histórico recente do sistema internacional, como Giovanni Arrighi (2013) explora em seus Ciclos Hegemônicos de Poder, começando com as cidade-Estado de Gênova (séc. XV-XVI), Holanda (séc. XVII-XVIII), Grã-bretanha (séc. XVIII-XIX) e posteriormente os Estados Unidos (séc. XIX-XX).

O conceito de “hegemonia mundial” aqui adotado, no entanto, refere-se especificamente à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas. Em princípio, esse poder pode implicar apenas a gestão corriqueira desse sistema, tal como instituído num dado momento. Historicamente, entretanto, o governo de um sistema de Estados soberanos sempre implicou algum tipo de ação transformadora, que alterou fundamentalmente o modo de funcionamento do sistema (Arrighi, 2013, p.97).

Para Arrighi (2013), momentos de transição hegemônica são uma forma de refletir sobre a trajetória da história do capitalismo. O autor demonstra o final do século XX com o declínio do ciclo hegemônico estadunidense, nas décadas de 1971 e 1980, com a Crise do Petróleo e a crise no gerenciamento do capital financeiro. Em cada uma das fases vivenciadas pelo capitalismo mundial, as hegemonias entraram em crise devido a desafios internos e externos. Com suas observações, levou-se à teoria de que o capitalismo possui uma tendência inerente à crise, que resulta em ciclos de ascensão e queda das potências. O capitalismo possui um limite, assim como seus capitais, por isso mesmo houve quatro transições nos ciclos.

Dessa forma, pode-se captar o impulso essencial do padrão evolutivo da economia capitalista mundial, desde seus primórdios, com o final da Europa medieval, até a atualidade. As redes de acumulação de capital acabam inseridas por completo em redes de poder, havendo uma relação de subordinação. Assim, conclui-se que, para haver êxito na busca do poder, os governos deveriam ser líderes tanto na gestão do Estado e da guerra, quanto na acumulação de capital. As expansões financeiras seriam um nível mais alto de “maturidade” da economia capitalista mundial e, seriam longos períodos de transformação fundamental do agente e da estrutura dos processos de acumulação de capital (Arrighi, 2013).

O ciclo que o autor melhor especificou em seu livro “O longo século XX” de 1994 é dos Estados Unidos como a hegemonia capitalista, política e militar. Para que isso acontecesse, as duas Guerras Mundiais que ocorreram majoritariamente em território europeu foram essenciais, elas desestabilizaram as potências europeias, abrindo caminho para que o país norte-americano decolasse, e posteriormente levasse o mundo a uma bipolaridade contra a União Soviética. Arrighi (2013) aborda a importância de se compreender os eventos ocorridos no séc.

XX para a prospecção de cenários futuros, justamente por compreender como a história funcionou, como os países reagiram e como foi a adaptação do capitalismo frente a todas as mudanças. A hegemonia americana se baseou na criação de um modelo de corporações aliado a internacionalização de seu processo produtivo.

Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Conferência de Bretton Woods (1944), o comando das finanças globais passou a estar centralizado em Washington D.C.-EUA. A expansão do *New Deal* sobre o mundo, controlando o sistema e mantendo ele longe dos domínios socialistas e a Guerra Fria foram justificativas para os altos investimentos estatais na indústria militar. A reconstrução da Europa a partir das empresas americanas, o Plano Marshall e a manutenção dos grandes conglomerados dentro e fora dos EUA também serviram para consolidar a hegemonia estadunidense (Arrighi, 2013).

A questão de um mercado autorregulador, havendo uma organização acima de todas, ideia do presidente dos Estados Unidos Franklin D. Roosevelt (1933-1945), como a Organização das Nações Unidas (ONU), foi muito tratado no final do século XX e início do XXI, como se fossem a solução para a crise sistêmica. “As ordens mundiais, todavia, são mais fáceis de destruir que de criar” (Arrighi, 2013, p. 343). O sistema mundial, principalmente nas questões de violência, perdeu o controle, criando diversos problemas para que a acumulação de capital em escala mundial pudesse ocorrer efetivamente. As perspectivas para o futuro do sistema capitalista mundial, analisando todo o aparato histórico e fazendo uma análise de conjuntura, é de que para os Estados Unidos se manterem no poder necessitarão de maior influência na Ásia, principalmente do Leste Asiático (Arrighi, 2013).

Poucos momentos foram de unipolaridade no sistema internacional como o que os Estados Unidos vivenciaram com a queda do Bloco Soviético em 1989 e o final da Guerra Fria em 1991. As incertezas de ser a única potência mundial aumentaram significativamente, pois a responsabilidade pela manutenção da paz, estabilidade econômica, política e securitária recaiu toda sobre os EUA. A famosa “paz duradoura” foi constatada conflituosa, porém em nível sistêmico, as relações se mantinham controladas. Todas as eras presenciadas pelo sistema internacional, de certa maneira, ensinaram aos Estados as “regras do jogo” para que, caso suas intenções fossem de ganhar destaque internacional, se aparelhassem internamente para atingir tal objetivo.

Para a atual pesquisa, é importante destacar a ascensão internacional dos Estados asiáticos pois, “Assim, o surgimento de uma China poderosa, do Japão ou de uma Europa unida seria, sem dúvida, um fator de desestabilização na política mundial contemporânea” (Gilpin,

1981, p. 91, tradução nossa)¹⁰. O Leste Asiático considera a ascensão chinesa no século XXI como centro gravitacional da região de forma mais natural que as teorias Neorrealistas de distribuição e equilíbrio de poder. A centralidade da China na questão cultural, política e econômica é milenar, além de que a região possui interpretações próprias das relações internacionais, sendo necessário abordar as dinâmicas e perspectivas regionais para analisar as políticas externas e securitárias dos países contemporâneos (Geiger, 2022).

Por meio de uma análise historicamente informada, refere-se à recente liderança regional chinesa como um fenômeno que apresenta precedentes na ordem sinocêntrica, notavelmente durável, de relativa estabilidade, regionalmente aceita e frequentemente benéfica aos atores que a compunham. O processo de ascensão asiática em curso no século XXI conta, porém, com a sobreposição de estruturas mais complexas e que condicionam a polarização regional (Geiger, 2022, p. 42).

A trajetória histórica das configurações do sistema internacional demonstra que sua evolução está intrinsecamente ligada à ascensão e declínio de potências hegemônicas, que moldaram a ordem global de acordo com seus interesses. Os ciclos hegemônicos de Arrighi (2013) e a transição do poderio europeu para o norte-americano e em um futuro breve para a Ásia, ilustram como os desafios internos e externos enfraquecem as lideranças dominantes, criando oportunidades para novas potências emergirem. Nesse contexto, compreender as forças econômicas, políticas, securitárias e militares que sustentaram períodos como a Pax Britânica e a Pax Americana é essencial para interpretar os movimentos que hoje impulsionam a ascensão de atores como a China. A análise do passado, portanto, não apenas revela os padrões cíclicos de poder, mas também oferece uma base sólida para entender a complexa dinâmica de transição hegemônica do presente e suas implicações para o futuro do sistema internacional.

I.III O SISTEMA INTERNACIONAL NOS ANOS 2020

Na atualidade, o sistema internacional se encontra em transição para uma nova lógica de blocos, porém distinta da sua última versão - bipolaridade durante a Guerra Fria-, onde o poder global estaria distribuído em uma multipolaridade desequilibrada. O primeiro bloco é composto pelos Estados Unidos (líder), Japão, Coreia do Sul e países que constituem a Europa; o segundo bloco é expresso pela China (líder), Rússia, Irã e países satélites. Assim, a considerável perda de poder e influência dos EUA devido ao declínio da ordem liberal e

¹⁰ “Thus the emergence of a powerful China, Japan, or united Europe would undoubtedly prove to be a destabilizing factor in contemporary world politics.” (Gilpin, 1981, p. 91).

desenvolvimento de outros Estados, abre espaço para a ascensão pacífica da China no cenário global.

A âncora da ordem global não é necessariamente um único país ou conjunto de valores, como foi o caso da atual ordem internacional liberal ocidental em declínio. Em vez disso, os fundamentos da ordem global emergente são os sistemas dos Estados Unidos, da Europa e da Ásia – todos ao mesmo tempo. Cada um fornece serviços vitais em todo o mundo, como proteção militar, investimento financeiro e desenvolvimento infraestrutural. Em vez de uma superpotência simplesmente desaparecer para ser substituída por uma sucessora, estamos vivendo – pela primeira vez na história – em uma ordem verdadeiramente multipolar e multicivilizacional na qual América do Norte, Europa e Ásia representam partes importantes do poder. A Ásia não está substituindo os Estados Unidos ou o Ocidente – mas os está moldando agora tanto quanto eles já a moldaram no passado (Khanna, 2019, p. 15, tradução nossa).¹¹

Entretanto, Mearsheimer (2001) afirmava que o sistema se encontrar em uma multipolaridade desequilibrada seria perigoso para a manutenção da estabilidade e paz pelo globo. Conforme Waltz (1979) analisa, o nível de incerteza de um equilíbrio de poder multipolar é muito alto, por conta das diversas potências competindo entre si, o sistema tem grande tendência a se polarizar. Por isso da hipótese de a conjuntura do sistema internacional ser uma multipolaridade bipolar, que mesmo com grandes poderes sendo dissipados entre vários países, dois deles acabam se sobressaindo e sabendo administrar melhor suas zonas de influência.

Diversos fatores fizeram com que a ordem liberal liderada pelos EUA falisse, sendo importante compreender o conceito de “ordem”. Mearsheimer (2019) explicita que uma ordem seria um grupo de instituições internacionais que auxiliam a guiar as interações entre os Estados membros. Estas ordens não necessariamente abarcavam todos os países do mundo, podendo ter seu escopo em nível regional ou global. Os Estados Unidos falharam em ser potência unipolar do SI por ter buscado agressivamente a democratização global através de mudanças de regimes em outros países, que acabou colidindo com o nacionalismo e as políticas de poder. Outras duas questões que corroboraram foram o tensionamento dos princípios liberais e as preocupações com a soberania nacional dos Estados afetados pela ordem, assim como os altos custos econômicos com a hiperglobalização, que abriram espaço para que a China pudesse ascender como grande potência (Mearsheimer, 2019).

¹¹ The anchor of global order isn't necessarily a single country or set of values, as was the case with the currently waning Western liberal international order. Instead, the foundations of the emerging global order are the US, European, and Asian systems—all at the same time. Each provides vital services around the world, such as military protection, financial investment, and infrastructure development. Rather than one superpower simply fading away to be replaced by a successor, we are living—for the first time ever—in a truly multipolar and multicivilizational order in which North America, Europe, and Asia each represents a major share of power. Asia is not replacing the United States or the West—but it is now shaping them as much as they have shaped it (Khanna, 2019, p. 15)

A rivalidade sino-americana é a característica central da política internacional do século XXI, sendo impulso para formação de alianças militares e o desenvolvimento de instituições econômicas dentro de cada ordem delimitada. A interdependência econômica global será crucial, já que segundo Mearsheimer (2019), a China buscará moldar as regras das instituições econômicas e de cooperação a seu favor. Durante o pós Guerra Fria, os EUA adotaram uma postura de engajamento com a China, como forma de integrar os chineses às instituições liberais, que posteriormente os levaria a uma democracia liberal.

Engajamento [...] levaria à adesão ativa da China em algumas das principais instituições globais e ajudaria a integrá-la à ordem econômica liderada pelos EUA, o que inevitavelmente contribuiria para transformar a China em uma democracia liberal. A China, então, se tornaria um “ator responsável” no sistema internacional, altamente motivado a manter relações pacíficas com outros países (Mearsheimer, 2019, p. 24, tradução nossa).¹²

Essa estratégia fracassou, assim como a ordem liberal estadunidense. O crescente poderio militar chinês e suas ambições geopolíticas foram evidenciados por suas ações no Mar da China Oriental e Mar do Sul da China, sendo consideradas ameaças à ordem regional e aos interesses americanos. Dessa forma, os EUA mudam de postura e começam a formar alianças militares e securitárias na Ásia, como com Japão e Coreia do Sul, buscando criar uma coalizão de países para contrabalancear o poder chinês e dissuadir a China de ações agressivas. Políticas de contenção foram implementadas, principalmente com o governo de Donald Trump (2016-2020). Trump argumentava que a admissão da China à OMC foi um erro. No âmbito econômico foram empreendidas políticas protecionistas, como tarifas e restrições aos investimentos, com o intuito de proteção da indústria americana da competição chinesa e com vias a reduzir ao máximo a dependência americana da China. As práticas comerciais chinesas, como subsídios estatais e roubo de propriedade intelectual, são apontadas como prejudiciais à economia americana. Ademais, foram impostas restrições às transferências de tecnologias de dupla utilização para a China, buscando impedir que Pequim obtivesse vantagens militares a partir de tecnologias civis (Mearsheimer, 2019).

¹² Engagement [...] would lead to China’s active membership in some of the world’s major institutions and help integrate it into the U.S.-led economic order, which would inevitably help turn China into a liberal democracy. China would then be a “responsible stakeholder” in the international system, highly motivated to maintain peaceful relations with other countries (Mearsheimer, 2019, p. 24).

Kang (2022), contrapondo Mearsheimer (2019), aponta que não há evidências de que exista uma contenção militar/securitária da ascensão da China por parte de países da região do Nordeste Asiático, nem dos alinhados aos EUA. Contenção pode ser definida como uma estratégia para limitar ou prevenir as habilidades do oponente em projetar poder internacionalmente. Este termo tem sido extensivamente utilizado pela China para descrever os esforços americanos em bloquear sua ascensão. Historicamente, o termo foi utilizado para descrever as políticas adotadas pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria para limitar a propagação do comunismo (The Economist, 2024). “Uma análise leva à conclusão de que o crescimento dramático da China provocou pouca reação por parte de seus vizinhos. Até 2022, ainda não existe uma coalizão incipiente de contenção no Leste Asiático contra a China” (Kang, 2023, p. 80, tradução nossa)¹³.

Na verdade, a maior parte dos países asiáticos tem constantemente aprofundado suas relações tanto econômicas quanto diplomáticas com a China, pois dependem do comércio com os chineses para sua própria manutenção. Existem esforços por parte dos países do Nordeste Asiático em engajar a participação chinesa em instituições multilaterais que incluam os chineses.

Através de dados oficiais de governos da região do Nordeste Asiático, o investimento em defesa pela região após 2020 é quase metade do que era em 1990 e ainda está em processo de redução. Afinal, destinar maiores quantias em segurança nacional significa menos recursos para questões sociais e econômicas domésticas, o que não parece ser o foco da região (Kang, 2023). Dessa forma, é concluído que uma região na qual os recursos militares estão diminuindo a cada ano, não existiria uma corrida armamentista em torno da ascensão chinesa, ao menos não por motivações domésticas.

É importante acrescentar ao conceito de contenção o “[...] uso de amplas restrições econômicas destinadas a enfraquecer a capacidade material de um desafiante estratégico” (Kang, 2023, p. 84, tradução nossa)¹⁴. Por mais que os países da região almejam o crescimento do engajamento com os Estados Unidos, esta relação não seria com o objetivo de se opor a China, e sim para o desenvolvimento interno. “[...] comércio com a China representou 27% de

¹³ “An examination leads to the conclusion that China’s dramatic growth has provoked very little response from its neighbors. As of 2022, there is still no nascent East Asian containment coalition against China” (Kang, 2023, p. 80).

¹⁴ “[...] the use of extensive economic restrictions that are designed to weaken a strategic challenger’s material capacity” (Kang, 2023, p. 84).

todo o comércio regional, enquanto a participação dos EUA caiu para menos de 20%” (Kang, 2023, p. 84, tradução nossa)¹⁵.

Em seus escritos, Kang (2023) explicita que nas últimas três décadas a região em questão se tornou cada vez mais integrada no setor econômico com a China e que continuam a negociar, trocar e investir mais com os chineses, evidenciando que existem poucas chances de mudarem de relacionamento por quaisquer razões. Até o presente ano de 2024, praticamente nenhum país da Ásia tem se posicionado como pró-Estados Unidos ou com uma política anti-China. A grande maioria dos Estados desejam manter boas relações com ambas as potências, negociando os termos que melhor os beneficiarem para atingir objetivos internos e de suas políticas externas (Kang, 2023).

Os países do Leste Asiático certamente têm questões pendentes com a China a serem enfrentadas, como disputas marítimas nos mares do Sul e do Leste da China, e as nações da região estão trabalhando nesse sentido. No entanto, as evidências mostram claramente que as forças armadas dos EUA não são a melhor nem a principal forma pela qual os estados do Leste Asiático estão buscando alcançar esses objetivos (Kang, 2023, p. 94, tradução nossa).¹⁶

Contudo, no decorrer da análise da atual pesquisa, em específico no segundo e terceiro capítulos foram refletidas as questões da região do Nordeste Asiático e alinhamentos, históricos e atuais perspectivas.

¹⁵ “[...] trade with China comprised 27 percent of all regional trade, while the US share had dropped to less than 20 percent” (Kang, 2023, p. 84).

¹⁶ East Asian states certainly have residual issues with China to contend with, such as maritime disputes in the South and East China Seas, and countries in the region are working toward that end. Yet, the evidence clearly shows that the US military is not the best or first way East Asian states are seeking to achieve those ends (Kang, 2023, p. 94).

II A REGIÃO DO NORDESTE ASIÁTICO

Para que seja possível compreender as relações intra-região do Nordeste Asiático desde o marco temporal da atual pesquisa, 2022, se torna imprescindível realizar o aporte histórico das mudanças do equilíbrio de poder entre os países, seus sistemas de aliança, interesses, intervenção de outras potências, etc. Além do mais, como o foco da pesquisa é entender os reflexos no nível securitário, é relevante compreender a principal teoria sobre conglomerados de segurança regional. Dessa forma, o debate inicia-se com base advinda de Buzan e Waever (2003) sobre a estrutura da região e após uma contextualização histórica geral e por fim análise geopolítica.

Iniciando as discussões deste capítulo teórico-conceitual, se faz importante explicitar o que é a segurança internacional. Segundo Villa e Braga (2018, p. 1048),

A segurança internacional é um conceito e uma prática que buscam assegurar a Estados e indivíduos ausência de ameaças existenciais. Por essa razão, a noção de “ameaça existencial” é central ao conceito de segurança internacional, conduzindo à pergunta-chave feita por Buzan et al. (1998): o que torna uma temática de relações internacionais um problema de segurança?

Dessa forma, esta ameaça existencial afetaria a sobrevivência dos Estados ou unidades políticas/sociais com ação internacional. A natureza da ameaça é quem define se a força deverá ser empregada ou não, como serão articuladas as políticas externas dos países, analisando os riscos de escalada a conflitos, desastre natural ou até mesmo um vazamento nuclear (Villa; Braga, 2018).

Já o conceito de segurança regional é definido como a busca por garantia aos Estados de uma região e seus indivíduos da extinção de ameaças existenciais no espaço delimitado pelas fronteiras compartilhadas. Durante a Guerra Fria, as dinâmicas regionais de segurança ficavam à mercê das práticas e fluxos do nível global, sendo influenciadas pelas potências mundiais daquele momento, URSS e EUA. Destarte, com o fim da dinâmica de bipolaridade, admitiu-se que as regiões possuíam uma dinâmica própria em relação à segurança, mesmo assim, não independentes do sistema internacional, sendo altamente relevante a compreensão da região como um nível de análise próprio nos estudos acadêmicos e estratégicos (Babo; Braga; Villa, 2018).

Com esta transição de foco, foi possível caracterizar as ameaças das regiões em três dimensões distintas, sendo estas: as ameaças tradicionais - natureza geopolítica; as ameaças percebidas exógenas à região - de natureza estatal ou não; e as ameaças de natureza interestatal - que influencia a estabilidade regional. “Para alguns pesquisadores (Sperting, 2017), a

segurança regional responde a duas perguntas primordiais: quais fenômenos e atores contribuem para a instabilidade e ordem numa região, e qual a natureza da interação entre um dado sistema regional e o sistema internacional” (Babo; Braga; Villa, 2018, p. 1090).

O nível regional como nível de análise é respeitado no campo das Relações Internacionais por conseguir englobar dinâmicas e suas problematizações de modo mais assertivo, afinal os Estados não se encontram sozinhos e as interações com os demais é que formam suas “opiniões” e inimizades.

Compreender as dinâmicas regionais pressupõe, assim, observar os efeitos da globalização ao mesmo tempo e que se considera a hierarquia entre os Estados, as marcas das tendências universalizadoras em adição ao pluralismo e a competitividade em meio à cooperação e vulnerabilidade mútua (Geiger, 2022, p. 67).

II.1 O COMPLEXO REGIONAL DE SEGURANÇA DO NORDESTE ASIÁTICO

Os autores Buzan e Waever (2003) contribuem com a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (CRS), e através dela é possível compreender a nova estrutura de segurança internacional após o final da Guerra Fria (1947-1989), caracterizada pelas interações de potências globais e a regionalização da segurança. Os Complexos Regionais de Segurança podem ser definidos como agrupamentos regionais de Estados ou demais unidades cujos processos de securitização estão interligados, de modo que seus problemas no âmbito da segurança não podem ser analisados ou resolvidos isoladamente. Essa interconexão existe, pois, a maioria das ameaças à segurança se propagam mais facilmente por distâncias curtas, deixando com que os Estados sejam mais sensíveis às ações de seus vizinhos do que as dos atores distantes (Buzan; Waever, 2003).

A TCRS distingue entre a interação no nível de sistema das potências globais, cujas capacidades lhes permitem transcender distâncias, e a interação no nível de subsistema das potências menores, cujo principal ambiente de segurança é sua região local. A ideia central da TCRS é que, como a maioria das ameaças se desloca mais facilmente em distâncias curtas do que em longas, a interdependência de segurança é normalmente estruturada em agrupamentos regionais: os complexos de segurança (Buzan; Waever, 2003, p. 4, tradução nossa).¹⁷

¹⁷ RSCT distinguishes between the system level interplay of the global powers, whose capabilities enable them to transcend distance, and the subsystem level interplay of lesser powers whose main security environment is their local region. The central idea in RSCT is that, since most threats travel more easily over short distances than over long ones, security interdependence is normally patterned into regionally based clusters: security complexes (Buzan; Waever, 2003, p. 4).

O conceito caro para esta teoria é o de securitização, que se refere ao processo pelo qual uma questão/ação é promovida à categoria de ameaça à existência de uma unidade governamental, como forma de justificar as medidas excepcionais tomadas para lidar com ela. Os processos de securitização são moldados pelas percepções e ações dos atores, de modo que cada Estado terá narrativas e condutas distintas. Com vistas a isto, os autores propõem quatro níveis de análise para os estudos dos CRS, sendo estes: o nível doméstico; as relações entre Estados; as interações inter-regionais; e o papel das potências globais. E, a partir desses níveis de análise, são identificados diferentes tipos de CRS: padrão, centrado, de grande potência, e institucional (Buzan; Waever, 2003).

Esta teoria é relevante para o campo das Relações Internacionais, uma vez que é capaz de fornecer um quadro analítico mais preciso do que conceitos simplistas como os de “unipolaridade” e “centro-periferia”. Ademais, ela permite gerar cenários preditivos, explorando as possíveis trajetórias futuras dos CRS e verificar padrões regionais de cooperação e conflito. Entretanto, existem desafios na sua aplicação, pois há dificuldades em delimitar as fronteiras entre os complexos, em especial nos casos de sobreposição de dinâmicas de segurança.

II.1.1 Complexo Regional de Segurança do Nordeste Asiático

No segundo capítulo do livro “Regions and Powers: The Structure of International Security” de 2003, Buzan e Waever (2003) expõem a base estrutural para a compreensão das relações entre os países da região do Nordeste Asiático. Este complexo é classificado como um de grande potência, pois a polaridade da região é definida pela presença de mais de uma potência de nível global, sendo estas China e Japão.

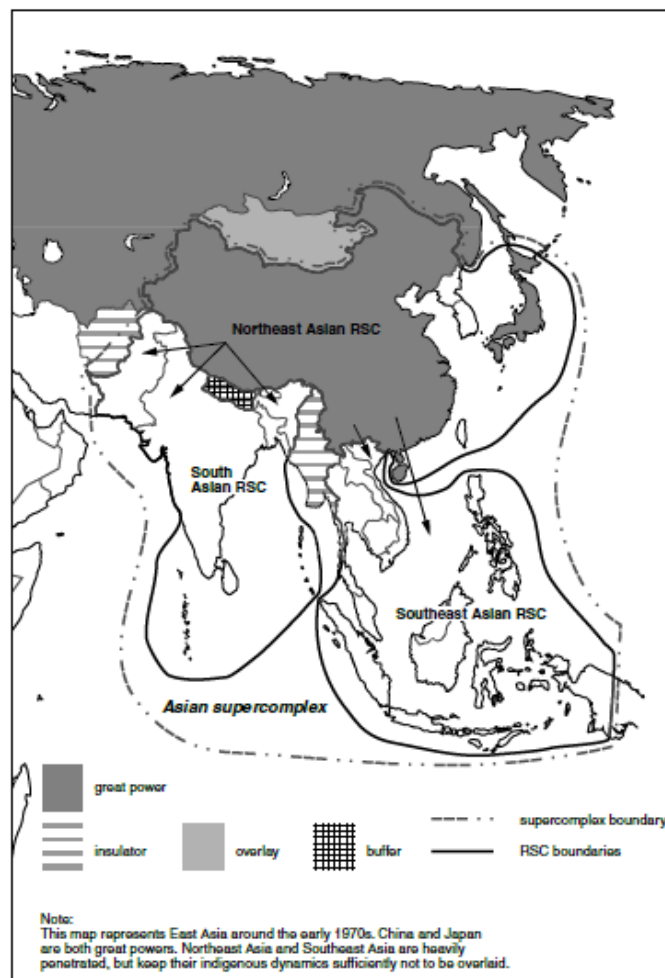
O caso do Nordeste Asiático oferece um exemplo raro (além da Europa) de um CRS surgindo naturalmente, em vez de ser fruto da descolonização. As potências ocidentais não conseguiram subordinar totalmente a China, o Japão e a Coreia. Todos os três países conseguiram resistir à penetração ocidental até bem no século XIX (quando os Estados Unidos já estavam entre as potências imperiais que cercavam suas portas) (Buzan; Waever, 2003, p. 130, tradução nossa).¹⁸

¹⁸ The Northeast Asian case provides a rare example (other than Europe) of an RSC emerging naturally rather than out of decolonisation. The Western powers failed fully to subordinate China, Japan, and Korea. All three managed to resist Western penetration until well into the nineteenth century (by which time the United States was among the imperial powers besieging their gates) (Buzan; Waever, 2003, p. 130).

No mapa abaixo é possível visualizar o território asiático e as suas divisões de acordo com cada CRS. O Complexo Regional de Segurança do Nordeste Asiático é composto por China Continental e Taiwan, Coreia do Norte, Coreia do Sul e Japão. É importante ressaltar que a composição de um CRS não é exata e pode variar ao longo do tempo e de acordo com diferentes interpretações. A relevância desta região é justificada por abarcar duas potências econômicas do mundo e pela política externa das demais potências, como os Estados Unidos tendo seu foco em conter avanços de relações no território.

Com a Península Coreana como seu pivô estratégico, esta é a única região ou sub-região internacional onde as quatro grandes potências mundiais—China, Japão, Rússia e Estados Unidos—se encontram e interagem de forma tensa, e onde seus respectivos interesses se juntam, competem ou entram em conflito de maneira específica a cada situação (Kim, 2003, p. 25, tradução nossa).¹⁹

Mapa I - Complexos Regionais de Segurança do continente asiático



Map 3. RSCs in Asia during the Cold War

¹⁹ With the Korean peninsula as its strategic pivot, it is the one and only international region or subregion where the world's four major powers—China, Japan, Russia, and the United States—uneasily meet and interact and where their respective interests coalesce, compete, or clash in a situation-specific way (Kim, 2003, p. 25).

Fonte: Buzan e Waever (2003, p. 98).

Buzan e Waever (2003) salientam a transformação do Nordeste Asiático após o final da Guerra Fria, que saiu de uma região fortemente penetrada pelas superpotências da época, Estados Unidos e URSS, que acabaram moldando suas dinâmicas de segurança, para um CRS de grande potência. Este Complexo Regional de Segurança em questão é capaz de ilustrar a complexa integração entre as dinâmicas de segurança nos níveis regional e global. As ações e posicionamentos das potências globais como os EUA ainda influenciam a região, apesar de ser em menor grau comparado a Guerra Fria. O relacionamento entre a China e o Japão impactam não somente a segurança regional, mas também os cálculos de equilíbrio de poder em nível global, tão caros para a perspectiva neorrealista.

Tudo o que foi mantido da extensa estrutura de intrusão das grandes potências na Ásia Oriental durante a Guerra Fria foi a posição dos EUA de contenção local contra a China, em apoio aos aliados dos EUA no Nordeste Asiático. O afastamento das superpotências levantou ‘a possibilidade de que os asiáticos orientais sejam deixados a lidar com suas próprias rivalidades de longa data, frequentemente suprimidas sob o manto da Guerra Fria’ (Buzan; Waever, 2003, p. 166, tradução nossa).²⁰

No caso do Nordeste Asiático, a ascensão da China no século XXI e as ambições nucleares da Coreia do Norte são exemplos de questões que passam por processos de securitização para os demais Estados regionais. Os autores reconhecem a importância do crescimento dos fatores econômicos para a segurança, em especial no contexto da globalização. O processo de interdependência econômica do Nordeste Asiático, despertada pela ascensão da China e o papel de centralidade do Japão na economia regional, estão intrinsecamente ligadas às dinâmicas de segurança da região. Se torna mais evidente esta interconexão em questões como as disputas comerciais e os investimentos estrangeiros sendo cada vez mais securitizados (Buzan; Waever, 2003).

A classificação do Japão como grande potência por Buzan e Waever (2003) é discutível, pois o país não possui a autonomia securitária que é imprescindível para esta classificação de Estados. A maior parte dos recursos e potenciais securitários japoneses são advindas da relação estreita de cooperação com os Estados Unidos. Embora sua derrota na Segunda Guerra Mundial e a constituição pacifista, o ressurgimento do Japão como uma potência econômica gerou

²⁰ All that was retained of the extensive Cold War structure of great power intrusion into East Asia was the US position of local containment against China in support of US allies in Northeast Asia. Superpower disengagement raised ‘the prospect that East Asians will be left to come to terms with their own long-standing rivalries that were often suppressed under the blanket of the Cold War’ (Buzan; Waever, 2003, p. 166).

desconfiança e medo entre seus vizinhos, particularmente China e as Coreias. Os fatores que contribuíram para a securitização da questão japonesa foram a memória da agressividade do Japão durante a Segunda Guerra Mundial que ainda tem impacto na região; a falta de reconciliação completa e sincera por parte do Japão em relação às ações do passado; e a escalada da influência econômica japonesa muito rápida, que poderia ser traduzida para o âmbito político e militar (Buzan; Waever, 2003).

A ascensão do Japão como potência econômica não foi acompanhada no mesmo nível em termos militares ou políticos, fazendo com que não se tornasse uma potência geoeconômica. Diferente de Tóquio, Pequim logrou converter o seu sucesso econômico ao campo geopolítico durante a Crise Financeira Asiática de 1997 (Geiger, 2022, p. 58).

Por mais que os fenômenos atuais em curso na Ásia sejam interligados as transformações ocorrendo a nível global, apresentam sua própria forma. Apesar da crescente integração intra-região, alguns pontos são sensíveis e causam conflito de interesses. Os destacados pelos autores são a disputa pelo Mar do Sul da China e os programas nucleares da Coreia do Norte. As ações assertivas da China no Mar do Sul da China alimentam preocupações com a ampliação do poder chinês em toda a região, unindo países do Nordeste e Sudeste Asiático em um sentimento compartilhado de apreensão (Buzan; Waever, 2003).

II.II HISTÓRICO DAS INTERAÇÕES ENTRE OS PAÍSES DO NORDESTE ASIÁTICO

A história da Ásia iniciou muito antes do que é escrito e repassado pelo Ocidente. Quando as Grandes Navegações e o descobrimento de outros continentes foram ocorrendo por parte da Europa - século XV -, na Ásia as relações já estavam estabelecidas a centenas de anos, com a lógica sinocêntrica. Isso significava que o centro gravitacional do sistema do Nordeste Asiático era o Império Chinês, e dessa forma os outros Estados formavam alianças para sua sobrevivência (Geiger, 2022). Como os níveis de análise da atual pesquisa são o sistêmico e o regional, a abordagem histórica foi compenetrada nestes níveis. O passado milenar da região sob a ordem sinocêntrica, o colonialismo japonês, a Guerra Fria e a ascensão da China no século XXI moldaram as dinâmicas de poder, criando um ambiente de interdependência, rivalidade e desconfiança mútua.

Antes mesmo do avanço do capitalismo em escala global, as relações do Leste Asiático foram desenvolvidas por lógicas próprias, com a formação de um sistema regional liderado pela China, o Império do Meio. O sistema tributário sinocêntrico, organizado pela dinastia Han (206 a.c. - 220 a.c.) resultou na longa evolução histórica em comum dos países da região. Até o

século XIX, esse sistema era hierárquico, com a China no centro, e esta ordem, mesmo sendo desigual, era relativamente estável e pacífica, com os Estados tributários - como Coreia e Japão - desfrutando da autonomia interna. De acordo com a evolução do sistema, suas relações exteriores foram alteradas para que fossem atendidas as necessidades de cada situação conforme surgiam (Geiger, 2022).

A força da China também permitia que ela oferecesse benefícios de segurança a estados menores que concordavam em seguir as regras do sistema. A incorporação ao mundo chinês proporcionava proteção contra ataques e deixava os estados secundários livres para conduzir seus assuntos internos e sua diplomacia entre si como considerassem adequado (Kang, 2007, p. 42, tradução nossa).²¹

Desde o período Han, a Península Coreana não simbolizava ameaças aos chineses, não existindo urgência em estabelecer organizações militares para conter potenciais invasores, como os casos do Norte e Nordeste da China (Kang, 2007).

Entre as grandes potências que cercam a Coreia, a China talvez tenha a imagem mais positiva aos olhos dos coreanos. O relacionamento atual da Coreia com a China, juntamente com a longa história da Coreia como um dos aliados mais próximos da China, deu origem a uma narrativa que enfatiza suas relações pacíficas. [...] A Coreia reconhecia que a China era uma potência superior, mas também se beneficiava de uma relação próxima com ela (Kang, 2007, p. 106, tradução nossa).²²

A Coreia significava para os chineses uma aliada forte, principalmente por sua localização estratégica, sendo facilitadora do transporte da cultura chinesa para o Japão. Enquanto a China manteve relacionamento majoritariamente pacífico com a Coreia pelo sistema tributário, o Japão esteve determinado a posicionar-se além da ordem sinocêntrica, criando situações sensíveis para o relacionamento (Twitchett; Fairbank, 1986). Nesse período reinou a paz duradoura nas relações, com os chineses se expandindo com vias de estabelecer oficialmente suas fronteiras e manter a coesão interna, e não com objetivos imperialistas como os dos países europeus.

O Japão, que era o menos desenvolvido dos demais, se sentia excluído da ordem sinocêntrica. A partir do final do século XIX, os japoneses se modernizaram rapidamente, adotando uma postura expansionista. A anexação da Coreia pelo Japão em 1910 marcou o fim da autonomia coreana e iniciou o período de exploração colonial, que criou desavenças e

²¹ China's strength also allowed it to provide security benefits to lesser states that agreed to play by the system's rules. Incorporation into the Chinese world provided protection from attack, and left the secondary states free to pursue domestic affairs and diplomacy with one another as they saw fit (Kang, 2007, p.42).

²² Of the large powers surrounding Korea, China has perhaps the most positive image in Korean eyes. Korea's current relationship with China, and Korea's long history as one of China's closest allies, has led to a narrative that emphasizes their peaceful relations. [...] Korea recognized that China was a greater power but also benefited from close relations with it (Kang, 2007, p. 106).

desconfianças que pairam até hoje as relações entre os Estados. O legado colonial japonês que contou com investimentos em infraestrutura e indústria, foi o vetor do desenvolvimento econômico das Coreias no pós-guerra (Geiger, 2022). A derrota do Império Japonês na Segunda Guerra Mundial o enfraqueceu e o planejamento que os colonizadores japoneses idealizavam não seguiu a trajetória programada, causando disputas geopolíticas no Nordeste Asiático. Como consequência, originou-se a dependência securitária dos Estados Unidos. Diante da derrota e da necessidade de reconstrução, o Japão renunciou ao desenvolvimento de capacidades militares ofensivas - como explicitado por Mearsheimer (2001), o Realismo Ofensivo impulsiona um Estado a buscar o status de hegemonia como forma de atingir maior segurança sendo do caráter da estrutura do sistema esse impulso - e se abrigou sob o guarda-chuva de segurança dos EUA, firmando o Tratado de Segurança Mútua de 1951 (Kim, 2004).

Como uma nação insular, para o Japão a ameaça de uma invasão direta soviética durante a Guerra Fria era relativamente pequena. Os Estados Unidos, como a principal potência naval do mundo, podiam proteger o Japão e suas rotas marítimas de comunicação vitais com relativa facilidade. Ao mesmo tempo, as bases que o Japão fornecia aos Estados Unidos eram fundamentais para a estratégia americana de conter o Comunismo. Portanto, no balanço geral, a ameaça de abandono pelos Estados Unidos era relativamente pequena (Kim, 2004, p. 211, tradução nossa).²³

O advento da Guerra Fria gerou a divisão da Península Coreana em dois Estados rivais, um alinhado ao bloco soviético e outro ao liderado pelos Estados Unidos. O evento que solidificou essa divisão e intensificou as tensões regionais foi a Guerra da Coreia de 1950 a 1953. A penetração hegemônica no Nordeste Asiático foi mais alta que nunca, resultando no aquecimento das disputas por hegemonia internacional e rivalizando a população que vivia sob o mesmo governo e território. A então recém intitulada Coreia do Norte, buscando um caminho autônomo para seu desenvolvimento, adotou o conceito de “chajusong” - autossuficiência. Esse conceito foi aplicado na não subordinação à economias externas, com a união das ideias e estruturas japonesas e soviéticas, as transformando em uma economia nacional auto-contida.

Superando a teoria, a Coreia do Norte oferece o melhor exemplo no mundo pós-colonial, de retirada consciente do sistema capitalista mundial visando a estruturar uma economia independente e auto-contida, resultando na economia autárquica mais industrializada do mundo [...] (Geiger, 2022, p. 78).

Com a ameaça comunista pairando sobre a Península Coreana, os Estados Unidos estabeleceram uma forte presença militar na Coreia do Sul, firmando um tratado de segurança

²³ As an island nation, for Japan the threat of a direct Soviet invasion during the Cold War was relatively small. The United States, as the dominant naval power in the world, could protect Japan and its vital sea lanes of communication with relative ease. At the same time, the bases that Japan provided the United States were vital to the American strategy of containing Communism. Therefore, on the balance, the threat of abandonment by the United States was relatively small (Kim, 204, p. 211).

mútua com o país em 1954. Essa dependência da Coreia do Sul em relação à proteção americana se perpetua até os dias atuais (Calder; Ye, 2010). Além do mais, o governo sul coreano procurou seguir modelos democráticos de governo e a economia capitalista e, posteriormente, aproximou-se do Japão, com relacionamento entre Estado-Estado e não mais de subordinação ao colonizador.

Dessa forma, a China, que antes era o centro gravitacional do sistema, perdeu um aliado histórico, a Península Coreana. Ao mesmo tempo que ganhou mais potenciais ameaças com a presença estadunidense tanto no Japão quanto na Coreia do Sul e internamente estava em processo de queda de regime com a Revolução Comunista de 1949, liderada por Mao Tsé-Tung. A revolução marcou o fim definitivo da ordem sinocêntrica tradicional e ascendeu o modelo socialista de desenvolvimento. Assim, a China rompeu com o sistema de subordinação imposto pelas potências ocidentais durante o “Século da Humilhação” e se afirma como uma potência autônoma (Geiger, 2022). Durante o século XIX, os chineses viveram diversos conflitos, sendo estes a Primeira Guerra do Ópio (1839-1842), a Rebelião de Taiping (1850-1864) e a Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), além de seu território ter sido dividido em esferas de influência por parte das potências estrangeiras, minando sua soberania e explorando seus recursos. Esse período gerou profundos traumas nacionais, alimentando sentimento de ressentimento contra potências externas e busca por uma nova identidade nacional. Aqui se apresenta uma das justificativas da China contrariar a atual ordem internacional ocidental vigente, que foi responsável por seu atraso (Kang, 2007).

Nas relações internacionais da China, houve impacto direto no vínculo com a Península Coreana, com os chineses apoiando a Coreia do Norte. Além do mais, os anos 1950 e 1960 foram marcados por movimentos de descolonização na Ásia, que representava a resistência à hegemonia americana na região. Por conseguinte, a China se tornou polo de contestação à ordem liberal capitalista, desafiando a influência dos Estados Unidos. Esse momento foi caracterizado também pela busca de estabelecimento de relações por parte dos chineses com outros países da região, baseados nos princípios de não interferência, contrastante com a lógica imposta pelas potências ocidentais. Após a Revolução, a China passou por um processo de desenvolvimento econômico e militar, resultando na sua ascensão como potência regional no final do século XX. Essa ascensão alterou o equilíbrio de poder na região, impactando as relações entre os países do Nordeste Asiático (Geiger, 2022).

É percebido que após o final da Guerra Fria e a ascensão asiática, o poder internacional se desloca do Leste para o Oeste e do Norte ao Sul, demonstrando a importância da região para o comércio e as instituições globais. “Desde a década de 1980, a Ásia oriental tem se constituído

como centro do dinamismo econômico mundial, levando à emergência de novos polos de poder e configurando novas relações de poder regionais e globais” (Geiger, 2022, p. 56). Nos anos 90, a alternância entre China e Japão no status de superpotência econômica da região caracterizou-se pela sobreposição da ascensão chinesa com a estagnação econômica do Japão.

A ascensão da China e o fenômeno de transição de poder, cada vez mais evidentes, destacam para os Estados Unidos a necessidade de estreitar os laços com o Japão e conter militarmente a China por meio de mecanismos internacionais. Nesse contexto, o ambiente de segurança do pós-Guerra Fria passa a se assemelhar ao final do século XIX, período em que China e Japão competiam pela hegemonia regional, enquanto o Japão, buscando se fortalecer, alinhava-se ao poder hegemônico extra-regional da época, o Reino Unido (Geiger, 2022).

A China, contrastando com a visão que os norte-americanos procuram estabelecer mundo afora, tem buscado projetar uma imagem de “ascensão pacífica”, enfatizando que seu crescimento não representa uma ameaça aos outros países. Pequim argumenta que seu objetivo é promover a cooperação e o desenvolvimento mútuo na região. Além do mais, o governo chinês tem investido em projetos de infraestrutura regional, como o “One Belt, One Road”, que visa conectar a China à Ásia Central, ao Oriente Médio e à Europa. Esses projetos, além de promover o desenvolvimento econômico, também fortalecem a influência geopolítica da China (Brites, 2018).

Por fim, entende-se que as narrativas históricas desempenham um papel fundamental na formação das identidades nacionais e influenciam as percepções sobre as relações regionais no Nordeste Asiático. As divergências sobre como eventos históricos são lembrados e interpretados, especialmente aqueles relacionados ao período colonial japonês, alimentam desconfianças e dificultam a reconciliação mesmo com as atuais relações diplomáticas (Kang, 2007; Kim, 2004).

II.III CONCEITOS GEOPOLÍTICOS E SECURITÁRIOS APLICADOS AO NORDESTE ASIÁTICO A PARTIR DE 2020

A Geopolítica é uma área de estudos das Relações Internacionais que une os conceitos de geografia (território, espaço, situação), da ciência política, da história, da estratégia, da segurança e defesa nacional, sendo guia para os *policy makers* ou dirigentes governamentais a conduzirem os negócios territoriais tanto internos quanto externos dos Estados e também as relações de poder entre as inúmeras ordens mundiais que existiram desde 1648, com o Tratado de Westfália (Costa, 2018).

Os conceitos securitários que mais caracterizam o Nordeste Asiático e serviram para a análise das Estratégias Nacionais de Segurança são a penetração hegemônica, os mecanismos de cooperação em segurança, e a dissuasão. Inicialmente, a penetração hegemônica é caracterizada pela presença, física ou não, de uma potência em posição de *hegemon*, que possui poder de influenciar as dinâmicas do país ou região atingida. Como mencionado anteriormente na atual seção, a presença tanto dos EUA quanto da URSS se caracterizava como uma penetração hegemônica no período da Guerra Fria, influenciando os posicionamentos dos países, sistemas de alianças etc. (Buzan; Waeber, 2003). No contexto atual da região, os Estados Unidos estão presentes de diversas formas, sendo no financiamento da segurança da Coreia do Sul e Japão, com embarcações ao longo do Mar do Sul da China, ou pressionando de certa maneira seus aliados ali presentes a agirem de forma a restringir a ascensão chinesa.

Segundamente, os mecanismos de cooperação em segurança são conhecidos por serem alianças formalizadas entre atores, mais comumente estatais, com objetivos em comum. O acordo que foi analisado no terceiro capítulo, a ata da Cúpula de Camp David de 2023, institucionalizou a cooperação no âmbito da segurança, partindo dos Estados Unidos para seus aliados do Nordeste Asiático, Coreia do Sul e Japão. São formas interessantes para unir aliados em territórios distantes com objetivo de manter maior controle sobre ameaças, exercícios militares, controle das ações dos parceiros da cooperação sem ser incisivo.

A dissuasão, de um modo geral, é uma forma de convencimento em uma situação que determinado elemento deseja induzir ou moldar o comportamento de outrem, sendo um método para garantir que determinadas escolhas não sejam executadas. A dissuasão, seja convencional ou nuclear, visa diminuir a possibilidade de ataques através da dúvida e da incerteza sobre o quão danoso seria o contra-ataque. E o sucesso da dissuasão depende de três fatores: o psicológico - capacidade de gerar temor ao dissuadido; o técnico - desenvolvimento de armamentos pelo dissuasor; e o político - mede as vantagens e desvantagens que o dissuasor terá caso haja reação ou não às hostilidades (Otavio, Feddersen, 2018). O caso da Coreia do Norte é o que mais evidencia a relação de dissuasão do uso de seu arsenal militar, que sendo executado causaria uma potencial guerra nuclear que afetaria o mundo em grande escala. Assim, a incerteza de um real ataque, faz com que os demais países da região desenvolvam suas forças militares e securitárias para sua defesa.

A economia também tem seu caráter securitário e geopolítico. A partir do momento que a economia de um país influente perde sua autonomia e é forçado a ser financiado por outros - que não necessariamente sejam compatíveis ideologicamente/politicamente - geram sensibilidades internas e relações de dependência, enfraquecendo a posição de autoridade do

Estado enfraquecido (Arrighi, 2013). “A complexidade do Nordeste da Ásia está em grande medida atrelada a esta realidade em que países que fazem parte do sistema de alianças norte-americano se tornaram economicamente interdependentes do centro gravitacional chinês” (Geiger, 2022, p. 61). Por mais que Coreia do Sul e Japão sejam aliados securitários dos Estados Unidos, estes ainda dependem economicamente das decisões tomadas pela China, o *hegemon* regional. O controle das tarifas de comércio, valores de mercadorias e riquezas dependem do governo chinês, gerando relação de estrita dependência dos dois lados.

Outro aspecto complexo que merece ser mencionado é a divergência de modelos políticos entre os países da região. A China comandada pelo Partido Comunista (Estado Comunista unipartidário), Japão e Coreia do Sul com modelos de democracia ocidental, e a Coreia do Norte vivendo em um sistema de ditadura isolada do resto do mundo que é intrigante, já que constantemente desafia a ordem internacional liberal até então vigente. Para a geopolítica, na elaboração de diretrizes, é buscado alianças com Estados com formatos políticos e valores semelhantes com os de seu governo por compreenderem os fundamentos e motivações.

Nicholas Spykman (1942) foi um estrategista estadunidense muito importante para o desenvolvimento da doutrina de segurança dos Estados Unidos e elaborou a teoria do *Rimland*. Essa teoria, também chamada de Estratégia de Contenção, foi elaborada para conter a Alemanha, conhecida como Heartland, e a URSS de se fortalecerem e possivelmente destronar os EUA do seu posto de grande potência. Assim, os Estados Unidos deveriam criar frentes de alianças em pontos estratégicos, como Europa, Ásia e Américas, expandindo seu domínio e influência. Essa estratégia, mesmo publicada em 1942, ainda é seguida pelos EUA adaptada aos novos objetivos e realidade do sistema internacional, podendo ser verificada em acordos de cooperação de segurança e militar com Japão e Coreia do Sul, como forma de não mais conter a URSS, mas sim a China. Dessa forma, aplica-se uma estratégia de um contexto de Guerra Fria para a nova lógica que está se estabelecendo no sistema internacional. Os EUA tradicionalmente possuem uma tendência intervencionista em todas as partes do mundo com vias a conter possíveis ascensão de potências que sejam opostas à sua ordem internacional.

O interessante dessa região é que, por mais que a potência externa inserida no território, os EUA, espalhe seu pensamento de contenção para seus aliados, estes parceiros sabem da dependência que possuem economicamente e no sentido de segurança da China. “A análise dos interesses estratégicos de cada uma das unidades que compõem o subsistema do Nordeste Asiático mostra que os Estados realizam um cálculo racional para atingir seus objetivos a partir do entendimento que estão inseridos em um ambiente multipolar” (Brites, 2018, p. 28).

De acordo com Kang (2007), há uma variação nas estratégias de cada país do Nordeste Asiático em relação à China. A falta de um balanceamento está atrelada a interesses específicos, pois ao mesmo tempo que a ascensão chinesa gera potenciais ameaças, uma potência emergente gera oportunidades para seu próprio desenvolvimento. Portanto, os atores regionais tendem a preferir uma China fortalecida pelo seu papel estabilizador, já que uma China fraca incentiva outros países a buscarem influência, ou hegemonia na região, desestabilizando a ordem vigente (Geiger, 2022).

Os Estados regionais veem a reemergência chinesa como o centro gravitacional do Leste Asiático como natural. A China tem uma longa história como o Estado dominante e, embora as relações com os seus vizinhos não tenham sido sempre amistosas, o país detém uma visão de mundo em que é possível ser o país mais poderoso na sua região e ainda manter relações estáveis com outros Estados nela (Kang, 2007, p. 4, tradução nossa).²⁴

Enfatizando que a falta de uma percepção ampla de ameaça não impede a existência de diferentes padrões de relacionamento com a China, Kang (2007) utiliza o exemplo da política externa sul-coreana, em que os receios sobre uma possível militarização do Japão parecem superar as preocupações relacionadas ao poderio militar chinês. A resposta dos Estados Unidos à ascensão chinesa tanto política quanto militar representa o maior desafio ao status quo da região do Nordeste Asiático a longo prazo, apresentando lacunas das organizações internacionais em garantir a estabilidade regional (Calder, 2016).

²⁴ East Asian states view China's reemergence as the gravitational center of East Asia as natural. China has a long history of being the dominant state in East Asia, and although it has not always had warm relations with its neighbors, it has a worldview in which it can be the most powerful country in its region and yet have stable relations with other states in it (Kang, 2007, p. 4).

III A RESPOSTA DOS ESTADOS UNIDOS, JAPÃO E COREIA DO SUL À ASCENSÃO CHINESA PÓS-2022

Levando em consideração que dentro dos objetivos da atual pesquisa se busca compreender, a partir das mudanças que estão ocorrendo no sistema internacional, as implicações da ascensão chinesa para as políticas securitárias dos Estados Unidos e seus principais aliados na região (Coreia do Sul e Japão), aplicou-se a metodologia de análise documental. Os documentos analisados para o aporte empírico são: *Camp David Principles* 2023 (Princípios de Camp David 2023), *National Security Strategy of Japan* 2022 (Estratégia de Segurança Nacional do Japão de 2022), *The Yoon Suk Yeol Administration's National Security Strategy: Global Pivotal State for Freedom, Peace, and Prosperity* (Estratégia de Segurança Nacional do Governo Yoon Suk Yeol: Estado Global Fundamental para a Liberdade, Paz, e Prosperidade), e a *USA National Security Strategy* 2022 (Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América 2022). Todos os arquivos foram retirados dos sites dos próprios governos e estão disponíveis na língua inglesa.

A leitura e a investigação dos documentos tiveram como fio condutor encontrar posicionamentos relacionados a região do Nordeste Asiático, aos países que a compõem - Coreia do Sul, Coreia do Norte, China e Japão -, e com relação aos Estados Unidos, o *hegemon* em declínio.

III.I ESTRATÉGIAS NACIONAIS DE SEGURANÇA

As Estratégias Nacionais de Segurança (ENS) são oficializações elaboradas pelos departamentos especiais de um governo para comunicar as pretensões de determinado Estado para manter a sua segurança e a da população. São planos para garantir a um Estado a continuação da sua própria existência. Através delas, são estabelecidas as compreensões nacionais das ameaças e os riscos no âmbito securitário, tal como os valores e os princípios que servirão de guia ao Estado na provisão de segurança estatal e humana. Também explicitam como os objetivos de segurança nacional podem ser atingidos da melhor forma possível. Estas estratégias são guias de ação para um governo, e não uma lei, podendo sofrer mudanças na sua implementação, devido a questões de gestão, impedimentos de utilização de certos recursos ou casos de atentados/guerras não previstos. São uma oportunidade de aplicação dos princípios de boa governança no setor de segurança (Geneva Centre for Security Sector Governance, 2015).

Seu formato convencional é em forma de documentos, entretanto alguns países adotam discursos pelos líderes de governo como forma de transmitir essas pretensões securitárias. Por mais que não haja um padrão, determinados tópicos são essenciais de serem abordados para que haja melhor compreensão dos analistas e dos que irão colocá-las em prática. Estes tópicos são: a articulação clara dos interesses nacionais, uma reflexão precisa sobre os valores internos, declaração de uma visão estratégica, identificação e avaliação de desafios futuros, mensuração de riscos, visão geral dos recursos necessários, prazo deliberado, medidas de eficácia, e uma orientação básica de implementação (DuMont, 2019).

Inicialmente analisou-se cada estratégia para entender suas questões particulares e ao final, realizou-se um panorama da resposta dos Estados Unidos e seus aliados, Japão e Coreia do Sul, à ascensão chinesa.

III.I.I Estratégia de Segurança dos Estados Unidos da América

Em termos históricos, a Ásia ganhou maior relevância estratégica para os Estados Unidos no século XX, com o Império Japonês atacando a base de Pearl Harbour em 1941 e levando os EUA a entrarem na Segunda Guerra Mundial. Se tratando de tempos mais atuais, a formalização das ações que os estadunidenses teriam para manter um equilíbrio de forças foi com a administração de Barack Obama (2009-2017), com o “Pivot to Asia” de 2009. Essa iniciativa estratégica conhecida como “rebalanceamento” objetivava a realocação dos recursos diplomáticos, econômicos e militares dos EUA para a região da Ásia-Pacífico. O impulso para esta mudança estratégica classificando como importante geopoliticamente e economicamente a região, tinha como destaque a necessidade de lidar com a ascensão chinesa como uma grande potência e as implicações que poderiam gerar para o *status* de hegemonia estadunidense. Ao mesmo tempo que era almejado a manutenção de um relacionamento forte e produtivo com a China, era importante garantir a segurança e os interesses dos EUA e seus aliados, principalmente Japão e Coreia do Sul (Campbell; Andrews, 2013).

Outra intenção desta estratégia era aumentar o engajamento dos parceiros asiáticos dos Estados Unidos a resolverem desafios regionais e globais, como a proliferação de armas perigosas - caso da Coreia do Norte - e as mudanças climáticas. O “Pivot to Asia” foi percebido por alguns analistas como uma tentativa de contenção à ascensão chinesa, levando a um aumento das tensões entre as duas potências (Campbell; Andrews, 2013).

Em contraste, Donald Trump reforçou ao longo de seu mandato a forte oposição à China, com discursos acalorados e estímulo para que as empresas norte-americanas instaladas

em território chinês voltassem para a “américa”. Trump, em seu discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas em 2017, afirmou que “os Estados Unidos têm grande força e paciência, mas se forem forçados a defender a si ou a seus aliados, não teremos outra escolha além de destruir totalmente a Coreia do Norte.”(Felipe, 2017). Estas falas mostram a dissuasão e a imposição de ameaça aos EUA por parte destes países, a Coreia do Norte pela questão nuclear e a China pelo comércio e economia globais. Entretanto, em relação aos parceiros da região, Coreia do Sul e Japão, a postura do governo de Trump é de não financiar a segurança dos mesmos se não obtiver resultados, pressionando os aliados a serem mais incisivos em seus posicionamentos (Allison, 2024).

A *USA National Security Strategy 2022* da administração democrata do presidente Joseph R. Biden e vice Kamala Harris, conta com 48 páginas divididas em 5 seções principais. Inicialmente, o documento caracteriza a emergência de posicionamentos em torno da distribuição de poder em âmbito internacional e a promoção de uma ordem internacional livre e aberta capaz de beneficiar a maioria dos países e conter as oposições.

Enfrentamos dois desafios estratégicos. O primeiro é que a era pós-Guerra Fria chegou definitivamente ao fim e uma competição está em andamento entre as grandes potências para moldar o que virá a seguir. Nenhuma nação está melhor posicionada para ter sucesso nessa competição do que os Estados Unidos, desde que trabalhem em conjunto com aqueles que compartilham nossa visão de um mundo livre, aberto, seguro e próspero (The White House, 2022, p. 6, tradução nossa).²⁵

O caráter de alinhamentos com países com visão parecida de mundo e modelo de governo é reforçado pelos EUA ao longo do documento, sendo uma das motivações para impelir a força de Estados que não compactuam com esses ideais, como a China e a Coreia do Norte. Os aliados democráticos compartilham consideravelmente da visão dos americanos para a ordem regional e global, mesmo quando não concordam em todas as questões, mas dependem e apoiam um sistema internacional baseado em regras e funcional.

A gama de nações que apoia nossa visão de um mundo livre, aberto, próspero e seguro é ampla e poderosa. Inclui nossos aliados democráticos na Europa e no Indo-Pacífico, assim como parceiros democráticos importantes ao redor do mundo que compartilham grande parte de nossa visão para a ordem regional e internacional, mesmo que não concordem conosco em todas as questões, e países que não adotam instituições democráticas, mas que, ainda assim, dependem e apoiam um sistema internacional baseado em regras (The White House, 2022, p. 8, tradução nossa).²⁶

²⁵ We face two strategic challenges. The first is that the post-Cold War era is definitively over and a competition is underway between the major powers to shape what comes next. No nation is better positioned to succeed in this competition than the United States, as long as we work in common cause with those who share our vision of a world that is free, open, secure, and prosperous (The White House, 2022, p. 6).

²⁶ The range of nations that supports our vision of a free, open, prosperous, and secure world is broad and powerful. It includes our democratic allies in Europe and the Indo-Pacific as well as key democratic partners around the world that share much of our vision for regional and international order even if they do not agree with us on all

A estratégia aborda extensivamente sobre a região do Nordeste Asiático, com foco na China e Coreia do Norte, apresentando esses países como desafios significativos para a ordem internacional liderada pelos Estados Unidos. A seção III - “Our global priorities” (“Nossas prioridades globais”), possui uma parte dedicada a “Out-Competing China and Constraining Russia” (“Superar a China e Conter a Rússia”), onde será debatido a influência chinesa na estratégia norte-americana. “A República Popular da China nutre a intenção e, cada vez mais, a capacidade de remodelar a ordem internacional em favor de uma que incline o campo de jogo global para seu benefício, mesmo enquanto os Estados Unidos continuam comprometidos em gerenciar de forma responsável a competição entre nossos países” (The White House, 2022, p. 3, tradução nossa)²⁷. Assim, a alegação pela Estratégia de que a China seria o único oponente dos estadunidenses que teria a intenção de mudar a ordem internacional vigente e os meios econômicos, diplomáticos, militares e tecnológicos para ele, é um chamado do governo norte-americano para que os demais países da região fiquem do seu lado para enfrentar esta ameaça à estabilidade da Ásia (The White House, 2022).

Dessa forma, a estratégia americana em relação a China possui três frentes: investimento no fortalecimento interno (competitividade, resiliência e democracia intra-EUA); alinhamento de esforços com os aliados e parceiros (como a aliança EUA-Japão); e competir de forma responsável com a China, responsabilizando os abusos de direitos humanos em Xinjiang e no Tibet, o desmantelamento da liberdade e autonomia de Hong Kong, e fortalecer as capacidades militares para deter uma possível agressão chinesa. Portanto, as ações propostas e o discurso estadunidense direcionam à contenção de inimigos “ideológicos” e de sua influência globalmente (The White House, 2022).

Muitos de nossos aliados e parceiros, especialmente no Indo-Pacífico, estão na linha de frente da coerção da RPC (República Popular da China) e estão, com razão, determinados a garantir sua própria autonomia, segurança e prosperidade. Apoiaremos sua capacidade de tomar decisões soberanas alinhadas com seus interesses e valores, livres de pressões externas, e trabalharemos para oferecer investimentos, assistência ao desenvolvimento e mercados de alto padrão e em escala. Nossa estratégia exigirá que façamos parcerias, apoiemos e atendamos às necessidades econômicas e de desenvolvimento dos países parceiros, não por causa da competição, mas por eles mesmos (The White House, 2022, p. 24, tradução nossa).²⁸

issues, and countries that do not embrace democratic institutions but nevertheless depend upon and support a rules-based international system (The White House, 2022, p. 8).

²⁷ “The People’s Republic of China harbors the intention and, increasingly, the capacity to reshape the international order in favor of one that tilts the global playing field to its benefit, even as the United States remains committed to managing the competition between our countries responsibly” (The White House, 2022, p. 3).

²⁸ Many of our allies and partners, especially in the Indo-Pacific, stand on the frontlines of the PRC’s coercion and are rightly determined to seek to ensure their own autonomy, security, and prosperity. We will support their ability to make sovereign decisions in line with their interests and values, free from external pressure, and work to provide high-standard and scaled investment, development assistance, and markets. Our strategy will require us to partner

Outro país de grande destaque na estratégia norte-americana é a Coreia do Norte. O documento descreve o país como uma potência autocrática de menor tamanho que age de forma agressiva e desestabilizadora da ordem regional e global. A Coreia do Norte continua a expandir seus programas ilícitos de armas nucleares e mísseis e, como resposta, os EUA pedem uma diplomacia sustentada para que sejam feitos progressos tangíveis em direção à desnuclearização completa da Península Coreana. “Buscaremos uma diplomacia sustentada com a Coreia do Norte para fazer progressos concretos rumo à completa desnuclearização da Península Coreana, enquanto fortalecemos a dissuasão ampliada diante das ameaças de armas de destruição em massa e de mísseis da Coreia do Norte” (The White House, 2022, p. 38, tradução nossa)²⁹. Aqui é evidente o conceito de dissuasão explicado anteriormente, que para os EUA é essencial o envolvimento de todas as ferramentas de poder nacional, incluindo capacidades militares, diplomáticas e econômicas, para dissuadir a agressão, contando com seus parceiros regionais para tal (The White House, 2022).

Sendo assim, a aliança entre EUA - Japão e EUA - Coreia do Sul é fundamental para a manutenção da presença segura dos estadunidenses na região, assegurar seu caráter de hegemonia global, afinal é no Nordeste Asiático que estão presentes os maiores desafios para o equilíbrio de poder global (The White House, 2022).

III.I.II Estratégia de Segurança da Coreia do Sul

A *The Yoon Suk Yeol Administration's National Security Strategy: Global Pivotal State for Freedom, Peace, and Prosperity* contém 150 páginas divididas em 8 seções. Inicia-se especificando o papel da Coreia do Sul para a manutenção da ordem internacional justa e com os princípios democráticos e seus objetivos na região em que é localizada, o Nordeste Asiático. “Nosso objetivo é promover uma paz sustentável que garanta liberdade e prosperidade na Península Coreana e no Nordeste Asiático, em vez de uma paz frágil e de curta duração que apenas adie a guerra” (Republic of Korea, 2023, p. 5, tradução nossa)³⁰.

with, support, and meet the economic and development needs of partner countries, not for the sake of competition, but for their own sake (The White House, 2022, p. 24).

²⁹ “We will seek sustained diplomacy with North Korea to make tangible progress toward the complete denuclearization of the Korean Peninsula, while strengthening extended deterrence in the face of North Korean weapons of mass destruction and missile threats” (The White House, 2022, p. 38).

³⁰ “Our goal is to foster a sustainable peace that guarantees freedom and prosperity on the Korean Peninsula and in Northeast Asia, as opposed to a fragile and short-lived peace that merely postpones war” (Republic of Korea, 2023, p. 5).

Ao longo das seções, permanece o discurso de cooperação e alianças com países *like-minded*, que teriam a mesma mentalidade de mundo, sendo pautada pelo respeito à Carta de Direitos Humanos das Nações Unidas, democracia e liberdade de expressão. Assim, é demonstrada a preocupação com o crescimento da influência chinesa e de seus valores em escala mundial e que a atual conjuntura do sistema internacional se encontra em um ponto de inflexão, havendo embates entre as potências democráticas versus as autocráticas, como a China.

Em segundo lugar, a intensificação da competição entre os Estados Unidos e a República Popular da China está aumentando a fluidez da ordem internacional. A China, aproveitando seu crescimento econômico, continua a expandir suas capacidades militares e a estender sua influência política e econômica no cenário global. Em resposta, os Estados Unidos caracterizaram o panorama global atual como um “ponto de inflexão” na “confrontação entre democracia e autoritarismo” e estão fortalecendo suas alianças e parcerias com países que compartilham os mesmos ideais (Republic of Korea, 2023, p. 10, tradução nossa).³¹

Fica evidente a ideia de dependência dos Estados Unidos para a concretização da maioria dos objetivos elencados para manutenção da segurança do Estado sul-coreano, mas não deixa de abrir possibilidades de diálogo e cooperação com a China. Afinal, a Coreia do Sul ainda depende desse relacionamento ser estável para seu desenvolvimento econômico e não alastramento das agressões por parte da Coreia do Norte.

A estratégia sul-coreana considera o programa nuclear e de mísseis da Coreia do Norte sendo a ameaça mais premente à segurança nacional da Coreia do Sul, principalmente pela violação do Acordo de Armistício de 1953. Como ações, há a proposição de abordagens mais abrangentes em três eixos: fortalecimento da dissuasão; aumento de sanções aos programas nucleares; e o diálogo para desnuclearização. Há também a tentativa de negociações e fortalecimento em vias a futura reunificação da Península Coreana. “Além disso, a diplomacia de unificação é também crucial para obter apoio e cooperação dos principais países e garantir o consenso da comunidade internacional em relação à unificação da Península Coreana” (Republic of Korea, 2023, p. 112, tradução nossa)³².

³¹ Second, the intensifying competition between the United States and the People’s Republic of China is increasing the fluidity of the international order. China, leveraging its economic growth, continues to expand its military capabilities and extend its political and economic influence on the global stage. In response, the United States has characterized the current global landscape as an “inflection point” in the “confrontation between democracy and authoritarianism,” and is bolstering its alliances and partnerships with like-minded countries (Republic of Korea, 2023, p. 10).

³² “In addition, unification diplomacy is also critical to garner support and cooperation from major countries and secure consensus from the international community regarding the unification of the Korean Peninsula” (Republic of Korea, 2023, p. 112).

Diferentemente das outras estratégias analisadas na presente pesquisa, a Coreia do Sul não define a China como uma ameaça direta, entretanto demonstra preocupação com a crescente assertividade chinesa e a possibilidade dessa competição prejudicar a estabilidade regional e a ordem internacional “baseada em regras”. É enfatizado a necessidade do cultivo de um relacionamento mais maduro com a China, baseado na reciprocidade e na busca por interesses compartilhados. A Coreia do Sul depende da China na questão de comércio, tecnologia etc., sendo a justificativa para a manutenção de boas relações.

A China está se esforçando para assegurar sua liderança na remodelação da ordem internacional, anunciando seus planos de assistência econômica e iniciativas de segurança. Desde a recente recondução do presidente Xi Jinping, a China tem acelerado seus esforços para garantir parceiros por meio de uma diplomacia ativa de cúpulas e apoio em grande escala baseado na Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI). Em particular, a China está fortalecendo sua parceria estratégica com a Rússia, que continua a enfrentar sanções e pressões internacionais devido à sua invasão da Ucrânia, para, em conjunto, contrapor-se às pressões dos EUA e do Ocidente (Republic of Korea, 2023, p. 23, tradução nossa).³³

Em relação ao Japão, o governo sul-coreano reconhece a sua importância como parceiro crucial na região, que compartilha dos mesmos valores democráticos e humanitários. Endossa a necessidade do fortalecimento da cooperação trilateral entre Coreia do Sul - EUA - Japão para enfrentar os desafios regionais, como a ameaça nuclear norte-coreana e a instabilidade das cadeias globais de suprimentos. Com vistas à superação das disputas históricas e a construção de relacionamento mais saudável entre os países, há o reconhecimento de que a normalização das relações entre a Coreia do Sul e o Japão é basilar para estabilizar a região do Nordeste Asiático (Republic of Korea, 2023).

III.I.III Estratégia de Segurança do Japão

A *Nacional Security Strategy* of 2022 do Japão contém 42 páginas divididas em 9 seções. O documento inicia com a declaração de preocupação do governo japonês com os acontecimentos em âmbito global e que ações deverão ser tomadas para conter catástrofes. “Neste momento de ponto de inflexão na história, o Japão se encontra em meio ao ambiente de segurança mais severo e complexo desde o fim da Segunda Guerra Mundial. De forma alguma

³³ China is striving to secure its leadership in reshaping the international order by announcing its economic assistance plans and security initiatives. Since President Xi Jinping’s recent reappointment, China has been accelerating its efforts to secure partners through active summit diplomacy and large-scale support based on its Belt and Road Initiative (BRI). In particular, China is strengthening its strategic partnership with Russia, which continues to face international sanctions and pressure due to its invasion of Ukraine, to jointly counter pressures from the U.S. and the West (Republic of Korea, 2023, p. 23).

podemos ser otimistas sobre o que o futuro da comunidade internacional trará” (Japan, 2022, p. 40, tradução nossa).³⁴

Na maior parte do documento está sendo reforçada a aliança Japão - EUA como primordial para a segurança dos japoneses e dos países *like minded* da região. A questão de aproximação maior de países com formas de governo semelhantes e respeito à ordem internacional pautada pelos valores ocidentais é repetida constantemente ao longo das seções.

Mesmo estando neste ponto de cruzamento entre um mundo de esperança e um mundo de adversidade e desconfiança, em meio ao mais severo e complexo ambiente de segurança do pós-guerra, o Japão, abençoado com uma democracia estável, o estado de direito estabelecido, uma economia madura e uma cultura rica, defenderá políticas baseadas em valores universais e liderará os esforços para reforçar a ordem internacional com determinação firme (Japan, 2022, p. 40, tradução nossa).³⁵

A Coreia do Sul é considerada um país vizinho de grande importância para o Japão, tanto em termos geopolíticos quanto de segurança. “Para esse fim, o Japão se comunicará de forma estreita com a República da Coreia (ROK) a fim de desenvolver as relações Japão-ROK com base na fundação das relações amistosas e cooperativas que se desenvolveram desde a normalização das relações diplomáticas em 1965” (Japan, 2022, p. 24)³⁶. O governo japonês aborda as questões pendentes entre os dois países de forma adequada, com base em suas posições consistentes. Essa questão é um indicativo de que Tóquio está disposta a dialogar e encontrar soluções para as divergências bilaterais.

A Coreia do Norte e suas atividades militares representam uma ameaça grave e iminente à segurança nacional do Japão, sendo o desenvolvimento de mísseis e armas nucleares por Pyongyang como o grande desafio para a estabilidade regional.

Com relação ao desenvolvimento nuclear e de mísseis da Coreia do Norte, o Japão instará a Coreia do Norte a tomar ações concretas em direção à sua completa desnuclearização, com base na Declaração Conjunta das Conversações de Seis Partes e nas resoluções relevantes do Conselho de Segurança da ONU, por meio do fortalecimento da dissuasão regional, da plena implementação de sanções contra a Coreia do Norte, incluindo aquelas baseadas em resoluções do Conselho de Segurança da ONU, e da busca de esforços diplomáticos em estreita coordenação com os EUA e a República da Coreia (ROK) (Japan, 2022, p. 24, tradução nossa).³⁷

³⁴ “At this time of an inflection point in history, Japan is finding itself in the midst of the most severe and complex security environment since the end of WWII. In no way can we be optimistic about what the future of the international community will bring” (Japan, 2022, p. 40).

³⁵ Even standing at this crossroads between a world of hope and a world of adversity and distrust amidst the most severe and complex postwar security environment, Japan, blessed with a stable democracy, the established rule of law, a mature economy, and rich culture, will advocate policies grounded in universal values and then lead the way in undertaking efforts to reinforce the international order with steadfast resolve (Japan, 2022, p. 40).

³⁶ To this end, Japan will communicate closely with the ROK in order to develop Japan-ROK relations based on the foundation of the friendly and cooperative relations that have developed since the normalization of diplomatic relations in 1965” (Japan, 2022, p. 24).

³⁷ With regard to North Korea’s nuclear and missile development, Japan will urge North Korea to take concrete actions toward its complete denuclearization, based on the Joint Statement of the Six-Party Talks and relevant UN

O seguimento por parte do governo norte-coreano da *Six-Party Talks* (Declaração Conjunta das Conversações de Seis Partes) de 2005 sediada em Beijing e contando com a participação da Coreia do Sul, Coreia do Norte, Japão, Rússia e Estados Unidos, é decisiva para o alcance da paz e estabilidade da Península Coreana e do Nordeste Asiático. As resoluções propostas por essa declaração parecem ser pouco lembradas pelas nações envolvidas, pois pouco progresso foi feito para a estabilização, principalmente na questão nuclear.

As Seis Partes se comprometeram com esforços conjuntos para a paz e estabilidade duradouras no Nordeste Asiático. As partes diretamente envolvidas negociarão um regime de paz permanente na Península Coreana em um fórum separado apropriado. As Seis Partes concordaram em explorar formas e meios para promover a cooperação em segurança no Nordeste Asiático (US Department of State, 2009, tradução nossa).³⁸

A postura externa, as atividades militares e outras movimentações da China representam o maior desafio estratégico sem precedentes para a garantia de paz e segurança do Japão. Tóquio reconhece a crescente influência chinesa e a considera um fator determinante para a segurança regional. Dessa forma, o governo japonês responderá ao desafio chinês com seu poder nacional abrangente e com a cooperação com seus aliados, buscando fortalecer suas alianças e parcerias como meio de conter a influência chinesa. “O Japão se oporá veementemente às crescentes tentativas da China de mudar unilateralmente o *status quo* pela força, exigirá que não realize tais atividades e responderá de maneira calma e resoluta” (Japan, 2022, p. 24, tradução nossa)³⁹.

Tóquio adotará uma postura firme em relação às ações assertivas de Pequim e incentivará fortemente a China a melhorar a transparência e a cooperar construtivamente com os esforços internacionais para o controle de armas e demais esforços. Solicita que a China tome maior responsabilidade no cenário internacional. Por fim, o Japão buscará construir um relacionamento construtivo e estável com o governo chinês por meio de comunicação em diversos níveis, reconhecendo a necessidade de diálogo e colaboração com a China, apesar das divergências históricas (Japan, 2022).

Security Council resolutions through strengthening regional deterrence, fully implementing sanctions against North Korea, including those based on UN Security Council resolutions, and pursuing diplomatic efforts in close coordination with the U.S. and the ROK (Japan, 2022, p. 24).

³⁸ The Six Parties committed to joint efforts for lasting peace and stability in Northeast Asia. The directly related parties will negotiate a permanent peace regime on the Korean Peninsula at an appropriate separate forum. The Six Parties agreed to explore ways and means for promoting security cooperation in Northeast Asia (US Department of State, 2009).

³⁹ “Japan will strongly oppose China’s growing attempts to unilaterally change the status quo by force, demand it to not conduct such activities, and respond in a calm and resolute manner” (Japan, 2022, p. 24).

III.II CÚPULA DE CAMP DAVID DE 2023

Camp David é o local de retiro do Presidente dos Estados Unidos, localizado no estado de Maryland - EUA, sendo ponto de negociações encabeçadas pelo executivo estadunidense a certas questões internacionais. Historicamente, foi palco dos acordos políticos, como os entre presidentes egípcio e israelense em 1978, após doze dias de negociações secretas, sob testemunho do presidente Jimmy Carter (1977-1981). Estes acordos foram grandes influenciadores da dinâmica política do Oriente Médio.

Assim, como forma dos Estados Unidos conseguir maior proximidade e “reconhecimento de autoridade” pelos países asiáticos, foi proposta a Cúpula de Camp David de 2023, que contou com a presença de Joseph Biden (o anfitrião), Yoon Suk Yeol (presidente sul-coreano) e Fumio Kishida (primeiro-ministro japonês). Neste encontro, foi reafirmada a parceria entre os países, o apoio dos EUA em questões militares, securitárias e tecnológicas, sempre citando o nível regional.

No documento de duas páginas emitido para o público após a reunião de 2023, o *Camp David Principles*, pode se perceber o tom de mostrar ao mundo que esta aliança segue forte e a reafirmação da parceria com Estados e atores que defendem a ordem mundial justa e democrática. A principal diretriz presente nos princípios é a desnuclearização da Coreia do Norte como principal objetivo da aliança tripartite. A China não foi mencionada no documento, por mais que as ações propostas tenham influência nas relações com o país, principalmente no Estreito de Taiwan. As demais ações propostas são em relação à assistências climáticas e cooperação humanitária, compromisso com a Carta da ONU, promoção dos direitos humanos, força na unidade e cooperação tecnológica/econômica aberta e justa (The White House, 2023).

Percebe-se a preocupação dos EUA em sediar este encontro em seu território como forma de mostrar ao mundo que o governo estadunidense está engajado em manter a ordem na região do Nordeste Asiático. O simbolismo de Camp David gerou repercussão internacional e alertou aos “inimigos” regionais que os aliados da região não estão sozinhos. “Acima de tudo, reconhecemos que somos mais fortes, e o Indo-Pacífico é mais forte, quando o Japão, a República da Coreia e os Estados Unidos permanecem unidos” (The White House, 2023, tradução nossa).⁴⁰

⁴⁰ “Above all, we recognize that we are stronger, and the Indo-Pacific is stronger, when Japan, the Republic of Korea, and the United States stand as one” (The White House, 2023).

III.III DISCUSSÃO ENTRE TEORIAS E ESTRATÉGIAS DOCUMENTADAS

De forma geral, percebe-se que os Estados Unidos possuem a tendência de pressionar seus aliados do Nordeste Asiático a agirem de forma a controlarem a expansão e poder chinês, mesmo que essa não seja a real intenção deles. Os gastos militares por parte da Coreia do Sul, Japão e países do entorno estratégico da região se encontra em queda a décadas. Há a preocupação geral com o atual ponto de inflexão que chegou ao sistema internacional, onde o balanceamento de poder está centrado nas potências dos Estados Unidos e China de forma desequilibrada (Kang, 2022).

A dependência securitária da Coreia do Sul e Japão permitiu aos Estados Unidos estabelecerem uma rede de base militares na região, consolidando sua posição como potência dominante no Nordeste Asiático. Essas bases servem até os dias atuais como plataformas logísticas e estratégicas para projetar poder americano em todo o continente asiático e além (Kim, 2004). A presença militar americana na região serve como um mecanismo de dissuasão contra potenciais adversários, como a China e a Coreia do Norte. Ao mesmo tempo que a dissuasão contribui para a estabilidade regional, também perpetua a dependência de seus aliados em relação aos EUA (Brites, 2018; Calder; Ye, 2010).

Apesar da persistente dependência securitária e pressão do governo estadunidense a que seus aliados efetivamente tomem um lado, mudanças na dinâmica regional fazem com que os governos sul-coreanos e japoneses busquem maior autonomia e diversifiquem suas parcerias de segurança (Brites, 2018).

A análise dos interesses estratégicos dos atores regionais demonstrou que tem acontecido uma tendência de acirramento das relações regionais e de aumento de posturas nacionalistas. Assim sendo, os atores regionais têm procurado atuar mais independentemente, se desvinculando dos blocos a que pertencem. Por isso, contrariando a estrutura regional baseada em alianças previsíveis, para um sistema de alinhamentos flexíveis. Os processos geopolíticos e geoeconômicos que pautam as interações interestatais na região impactam sobre a distribuição de poder no âmbito global (Brites, 2018, p. 31).

Dessa forma, analisando as Estratégias Nacionais de Segurança a partir das teorias apresentadas, tanto a Neorrealista quanto as estruturalistas, comprova-se certa divergência entre os escritos publicados nesses documentos e a real atuação dos Estados. Os países do Nordeste Asiático têm se comportado de forma defensiva - Realismo Defensivo de Waltz (1979) - maximizando sua segurança em vias de proteger sua população, economia e desenvolvimento. Os países procuram ao máximo utilizar da cooperação e acordos e não a violência, que é constantemente incentivada pela potência penetrada na região, os Estados Unidos. Destarte,

verifica-se a complexidade da região, já que não existem alinhamentos automáticos e nem total autonomia.

Por mais que os gastos militares do Japão e Coreia do Sul não tenham aumentado com vistas a conter a China ou os desafios regionais, existem respostas e preocupações internas, como o Mar do Sul da China, Taiwan e a Península Coreana (Kang, 202).

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações no sistema internacional, especialmente no contexto contemporâneo de multipolaridade desequilibrada explicitada por Mearsheimer (2001), apresentam desafios significativos para a estabilidade global. Este trabalho analisa, sob a ótica da Teoria Neorrealista e outras teorias estruturalistas, os reflexos da crise hegemônica no Nordeste Asiático, com foco na ascensão da China no século XXI e suas implicações para a região, e na resposta dos Estados Unidos e seus aliados regionais - Japão e Coreia do Sul. O estudo demonstrou que, embora os Estados Unidos mantenham uma política ativa de contenção, os aliados regionais têm buscado equilibrar suas relações com a China, priorizando interesses econômicos e de segurança doméstica sobre alinhamentos unilaterais (Kang, 2022).

A China, ao ganhar cada vez mais importância em âmbito global, gera respostas no nível regional, já que é o eixo gravitacional do Leste Asiático em termos econômicos. Percebe-se que a relação dos Estados Unidos e seus discursos sobre Coreia do Norte e principalmente o governo chinês, são mais disputas de narrativas do que uma contenção propriamente dita de suas ações. Afinal, por mais que Coreia do Sul e Japão dependam da aliança com os EUA para atingir a maioria dos seus objetivos de segurança nacional, a potência mais próxima territorialmente continua sendo a China. O governo chinês demonstra ações ofensivas de procurar obter a posição de potência regional, com diversas questões em suas fronteiras e relações com outros países, no entanto, não parece buscar ser o único *hegemon* do sistema internacional. Afinal, voltando aos exemplos históricos da Pax Britânica e Pax Americana, os chineses perceberam que o alto custo dessa posição não vale a pena para sua economia e aliados, pois a China consegue estar em todos os cantos do mundo sem causar conflitos, auxiliando com investimentos e infraestrutura, recebendo em troca alianças de mútuo auxílio e reconhecimento de sua soberania e influência.

A análise evidencia que a região do Nordeste Asiático, integrada por dinâmicas econômicas e históricas próprias, desafia perspectivas eurocêntricas tradicionais, reafirmando a necessidade de abordagens teóricas que contemplem especificidades regionais. Estudos da Ásia provam a necessidade do diálogo entre teorias para que as complexidades sejam abordadas da melhor forma. A Teoria Neorrealista, mesmo que seja considerada uma das mais importantes para o campo das Relações Internacionais, sozinha não consegue dar conta de todas as dimensões que implicam o continente asiático. O poder e a disputa por balanceamento pelos Estados europeus e americanos é distinto do caso dos países do Nordeste Asiático, que passaram por eras de grandes impérios, colonialismo, e agora estão se destacando como grandes

economias, que impactam diretamente o funcionamento do mundo. O uso da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (CRS) de Buzan e Waever (2003) mostrou-se essencial para compreender as interações locais, destacando o papel da interdependência e da securitização na formação de estratégias regionais e nacionais.

Como explicitaram as Estratégias Nacionais de Segurança analisadas no terceiro capítulo, a humanidade e o sistema capitalista vivem em um período de inflexão e mudança na distribuição de poder no sistema internacional, com os próximos dez anos sendo decisivos para o mundo, mas principalmente para o Nordeste Asiático, com a grande China e o Japão, além da presença externa fortíssima dos Estados Unidos. A análise revelou também como a cooperação trilateral se torna um pilar para responder aos desafios securitários impostos pela ascensão chinesa, sem desconsiderar a dependência econômica regional em relação à China.

Os estrategistas de cada Estado deverão analisar meticulosamente os próximos passos, pois o futuro do mundo está nas mãos destes. A China ganhando o espaço de grande potência saindo do nível regional e transitando para o global fez com que as inflexões que os EUA já tinham com o país pelas divergências políticas e estratégicas só aumentassem, sendo o Nordeste Asiático o novo barril de pólvora do sistema internacional. A eleição de um novo mandato de Donald Trump será decisiva para a estabilidade regional, pois a imprevisibilidade de seus discursos e ações causa insegurança de seus aliados em serem “abandonados” a suas custas caso haja a iminência de um conflito, independente da sua origem.

Entre as contribuições do estudo, destaca-se a abordagem multinível sistêmica e regional, que permitiu explorar como a rivalidade sino-americana impacta as decisões políticas e securitárias dos países envolvidos. Os resultados obtidos destacam a ausência de uma coalizão militar contra a China na região em questão, com os Estados optando por estratégias mais equilibradas que garantam sua segurança sem comprometimento aos ganhos econômicos e diplomáticos provenientes de sua relação com Pequim. Não obstante, as dinâmicas apontam para um futuro desafiador, em que o papel das alianças, como a promovida pelos Estados Unidos, será decisivo para moldar as relações intra e inter-regionais.

Dessa forma, esta pesquisa reforça a relevância de investigar as implicações da crise hegemônica para além dos modelos tradicionais, propondo novas interpretações sobre segurança regional e dinâmicas de poder. O estudo reafirma a relevância do Nordeste Asiático como um campo estratégico de análise para compreender a transição do sistema internacional. A interação das grandes potências e demais Estados da região demonstra as complexidades de um sistema em transição, no qual as propensões em segurança e desenvolvimento econômico coexistem em um delicado equilíbrio.

Por fim, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para o aprofundamento do debate acadêmico sobre segurança internacional, defesa e estudos estratégicos, além de reforçar a importância de perspectivas regionais no estudo de Relações Internacionais. Sugere-se, como perspectiva para estudos futuros, a expansão da análise para incluir atores menores ou explorar comparações com outras regiões sobre a crise hegemônica. Conclui-se, portanto, que a atual transição de poder no sistema internacional não implica apenas em desafios geopolíticos, mas também em oportunidades para compreender e promover estabilidade em um sistema em constante transformação.

REFERÊNCIAS

ALLISON, Graham. **Trump Is Already Reshaping Geopolitics: How U.S. Allies and Adversaries Are Responding to the Chance of His Return**. New York: Foreign Affairs, 2024. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/united-states/trump-already-reshaping-geopolitics>. Acesso em: 28 out. 2024.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **Segurança Internacional, Estudos Estratégicos e Política de Defesa**. Belo Horizonte: ABRI, 2024. Disponível em: https://www.abri.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1179. Acesso em: 30 maio 2024.

BOSA, Gabriel. Brasil Volta ao grupo das 10 maiores economias do mundo após alta do PIB. **CNN Brasil**, São Paulo, 02 mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/brasil-volta-ao-grupo-das-10-maiores-economias-do-mundo-apos-alta-do-pib/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRAGA, Camila de M.; BABO, Thiago R.; VILLA, Rafael D. Segurança regional. In: SAINT-PIERRE, Héctor L; VITELLI, Marina G. **Dicionário de segurança e defesa**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018. p. 1089-1105. *E-book*.

BRITES, Pedro Vinicius P. O Nordeste Asiático como eixo das disputas hegemônicas: competição e desestruturação da ordem regional. **Brazilian Journal of International Relations (BJIR)**, Marília, v. 7, n. 3, p. 611–644, 2018. DOI: <https://doi.org/10.36311/2237-7743.2018.v7n3.08.p611>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/8112>. Acesso em: 07 out. 2024.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. **Regions and Powers: The Structure of International Security**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole, WILDE, Jaap de. **Security: a new framework**. Colorado: Lynne Rienner Publishers, Inc, 1998.

CALDER, Kent E. **Geopolitical Change in Northeast Asia: implications for the Korean Peninsula of New Relationships Between World Powers**. Asia Research Report, Japan Center for Economic Research, 2016. Disponível em: https://www.jcer.or.jp/jcer_download_log.php?f=eyJwb3N0X2lkIjo0MzA2MywiZmlsZV9wb3N0X2lkIjo0NDMwODEifQ==&post_id=43063&file_post_id=43081. Acesso em: 09 nov. 2024.

CALDER, Kent E; YE, Min. **The Making of Northeast Asia**. Stanford: Stanford University Press, 2010.

CHA, Victor. **America's Asian Partners Are Not Worried Enough About Trump: How His Return Could Destabilize the Region**. New York: Foreign Affairs, 2024. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/united-states/americas-asian-partners-are-not-worried-enough-about-trump>. Acesso em: 07 nov. 2024.

COSTA, Wanderley Messias da. Geopolítica. In: SAINT-PIERRE, Héctor L; VITELLI, Marina G. **Dicionário de segurança e defesa**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018. p. 512-532. *E-book*.

DUMOUNT, Malia. Elements of national security strategy. **Atlantic Council**, [s. l.], 28 Feb. 2019. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/content-series/strategy-consortium/elements-of-national-security-strategy/>. Acesso em: 24 out. 2024.

FELIPE, Leandra. Trump diz na ONU que Coreia do Norte “será destruída” se ameaças continuarem. **Agência Brasil**, Nova Iorque, 19 Set. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-09/trump-diz-na-onu-que-coreia-do-norte-sera-destruida-se-ameacas>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GENEVA CENTRE FOR SECURITY SECTOR GOVERNANCE. **National Security Policies**: Formulating national security policies for good security sector governance. Geneva: DCAF, 2015. Disponível em: <https://www.dcaf.ch/national-security-policies-formulating-national-security-policies-good-security-sector-governance>. Acesso em: 18 out. 2024.

GEIGER, Luana Margarete. **A República Popular Democrática da Coreia: Mudanças Político-Econômicas e a nova ordem regional (2011-2021)**. 2022. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=YBlshBcAAAAJ&citation_for_view=YBlshBcAAAAJ:Se3iqnhoufwC. Acesso em: 20 ago. 2024.

GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá. **Teoria de Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

JAPAN. Ministry of Foreign Affairs of Japan. **National Security Strategy of Japan**. Tokyo: Ministry of Foreign Affairs of Japan, 2022. Disponível em: https://www.mofa.go.jp/fp/nsp/page1we_000081.html. Acesso em: 30 maio 2024.

KANG, David C. **China Rising: peace, power and order in East Asia**. New York: Columbia University Press, 2007.

KANG, David C. Still Getting Asia Wrong: No “Contain China” Coalition Exists. **The Washington Quarterly**, Washington D.C., v. 45, p. 79-98, 16 dec. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/0163660X.2022.2148918>. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0163660X.2022.2148918>. Acesso em: 10 set. 2024.

KHANNA, Parag. **The Future is Asian: commerce, conflict and culture in the 21st century**. New York, London, Toronto, Sydney, New Delhi: Simon & Schuster, 2019.

KIM, Samuel S. **The International Relations of Northeast Asia**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc, 2004.

MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Powers Politics**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2001.

MEARSHEIMER, John. Bound to Fail: The Rise and Fall of the Liberal International Order. **International Security**. Disponível em: <https://direct.mit.edu/isec/article/43/4/7/12221/Bound-to-Fail-The-Rise-and-Fall-of-the-Liberal>. Acesso em: 04 set. 2024.

OTAVIO, Anselmo; FEDDERSEN, Gustavo H. Dissuasão. In: SAINT-PIERRE, Héctor L; VITELLI, Marina G. **Dicionário de segurança e defesa**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018. p. 357-363. *E-book*.

REPUBLIC OF KOREA. **The Yoon Suk Yeol Administration's National Security Strategy**. Seoul: Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Korea, 2023. Disponível em: https://overseas.mofa.go.kr/eng/brd/m_25772/view.do?seq=16&page=1. Acesso em: 30 maio 2024.

SPYKMAN, Nicholas J.. **America's Strategy in World Politics**. New York: Harcourt, Brace and Company, Inc, 1942.

THE ECONOMIST. The A to Z of international relations. **The Economist**, Londres, [s. d.]. Disponível em: <https://www.economist.com/international-relations-a-to-z#C>. Acesso em: 20 nov. 2024.

TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John K. **The Cambridge History of China**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

UNITED STATES OF AMERICA. **Camp David Principals**. Washington: The White House, 2023. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2023/08/18/camp-david-principles/>. Acesso em: 30 maio 2024.

UNITED STATES OF AMERICA. The White House. **National Security Strategy of the United States of America**. Washington: The White House, 2022. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/10/Biden-Harris-Administrations-National-Security-Strategy-10.2022.pdf>. Acesso em: 30 maio 2024.

UNITED STATES OF AMERICA. U.S. Department of State. **Six-Party Talks, Beijing, China.** Washington: U.S. Department of State, 2017. Disponível em: <https://2009-2017.state.gov/p/eap/regional/c15455.htm>. Acesso em: 03 nov. 2024.

VILLA, Rafael D.; BRAGA, Camila de M. Segurança internacional. *In*: SAINT-PIERRE, Héctor L; VITELLI, Marina G. **Dicionário de segurança e defesa.** São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018. p. 1048-1071. *E-book*.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics.** Berkeley: Addison-Wesley Publishing Company, 1979.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br